

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

São Paulo
26 a 30 de agosto de 2024

E56 Encontro dos alunos de pós-graduação em linguística (27., 2024: São Paulo, SP).

Caderno de resumos do ENAPOL 2024 [recurso eletrônico]: XXVII Encontro dos alunos de pós-graduação em linguística, 26 a 30 de agosto de 2024 / Comissão organizadora: Augusto Vicente Neto ... [et al.]. -- São Paulo: Departamento de Linguística FFLCH/USP, 2024.
998 Kb; PDF.

ISSN: 2966-4586

1. Linguística (Congressos). 2. Pós-graduação. 3. Linguística – Estudo e pesquisa. Título. II. XXVII ENAPOL.

CDD 410

EXPEDIENTE**Coordenação do Programa de Pós-Graduação:**

Marcelo Barra Ferreira

Marcos Fernando Lopes

Secretaria do Programa de Pós-Graduação:

Érica Flávia

Comissão Organizadora:

Augusto Vicente Neto

Elza da Conceição Machado

Gabriel da Cunha Marques Brasileiro

Ítalo de Freitas Almeida

Juliet da Silva Rodrigues

Midana Cá

Mohamed Malam Dabó

Pedro Henrique Camargo Freire

Tâmara Kovacs Rocha

Edição:

Ana Rosa Frazão Paiva

Tâmara Kovacs Rocha

Projeto gráfico:

Tâmara Kovacs Rocha

Créditos de imagem:

Aline Bezerra Falcão de Oliveira (gráfico); César Elidio Marangoni Junior (árvore); Gabriel Franco (alfabeto em Libras desenvolvido para o site Brasil Escola, disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinais-libras.htm>); Luana Carolina (gráfico desenvolvido pela estudante para a disciplina Visualização de Dados (CVD EBA UFRJ), ministrada pela profa. Doris Kosminsky em 2019.1).

Periodicidade: Anual

Idioma: Português

Autor corporativo: Universidade de São Paulo- USP

Logradouro: Avenida Professor Luciano Gualberto, 403 – Cidade Universitária – São Paulo/SP

E-mail para contato: enapol.linguistica@usp.br

Sumário

| | |
|---|----|
| O indizível no testemunho da catástrofe histórica..... | 8 |
| O problema da diegese no discurso fílmico: percursos do conceito e a perspectiva semiótica..... | 9 |
| Coreodocumento – Lídia Zózima: forma de vida mística..... | 11 |
| Percepções acerca de /t/ e /d/ palatalizados por alagoanos de Arapiraca, Delmiro Gouveia e Maceió | 12 |
| Explorando métodos de sumarização automática para elaboração de ementas de acórdãos do Tribunal de Justiça de Rondônia | 14 |
| Detecção de ironia por meio de representações contextuais | 16 |
| O <i>Summer Institute of Linguistics</i> e o programa de pesquisa das línguas indígenas no Brasil de 1940 – 2000..... | 18 |
| Tipologia e análise das <i>aoP</i> | 20 |
| Linguagem simples, cidadania e políticas públicas..... | 22 |
| Desenvolvimentos da Sociolinguística Histórica brasileira (1980-2020): uma historiografia de comunicações orais em eventos especializados | 24 |
| A pesquisa em ensino de morfossintaxe no Brasil: uma Historiografia a partir de teses e dissertações publicadas entre 1970 e 1999..... | 25 |
| Identidades linguísticas relacionais: o caso galego..... | 27 |
| Aspectos estruturais do truncamento morfológico e da hipocorização | 29 |
| Práticas e maternidade | 31 |
| Elipse de expressões idiomáticas | 33 |
| Formas de vida em conflito: o mito em <i>Grande Sertão: veredas</i> | 35 |
| Definidores de isotopias: conceituação e aplicação | 36 |
| A representação da mulher negra na linguagem verbal e não verbal: uma análise multissemiótica..... | 37 |
| “Uma agenda pós-colonial para crioulistas”: valores cognitivos e sociais na crioulistica moderna | 38 |
| Bases em sistemas numerais: decomposição e recomposição | 39 |
| Como comparar fala com assovio: uma metodologia de análise para línguas assoviadas | 40 |
| Criando ideofones em português brasileiro: uma análise preliminar..... | 41 |

| | |
|---|----|
| A aquisição e a produção de <i>pied-piping</i> em perguntas-qu e em orações relativas em português brasileiro..... | 43 |
| <i>Female gaze</i> : reflexões semióticas sobre a estética do contra-cinema feminista | 45 |
| Estabelecendo diferenciações: performances estilísticas de jovens da elite paulistana e suas noções de paulistanidade | 46 |
| A expressão da modalidade epistêmica no português brasileiro: para além dos verbos modais | 47 |
| História da recepção da abordagem de Ferdinand de Saussure na pesquisa linguística brasileira (séculos XX e XXI)..... | 49 |
| As sentenças complexas no kipeá..... | 51 |
| Da Colômbia ao Brasil: análise semiótica de histórias orais de migrantes colombianos na cidade de São Paulo | 53 |
| Resultados preliminares sobre o emprego variável de artigo definido na fala pessoense | 55 |
| A figuratividade melancólica nos diários de Torquato Neto..... | 57 |
| Nasalização do português brasileiro: uma análise dos aspectos de nasalização de vogais | 58 |
| A possível ecologia semiótica das pinturas rupestres da região da Serra da Capivara, Piauí | 60 |
| Transferências de traços fonéticos e fonológicos: o sotaque francês na aquisição do português brasileiro..... | 61 |
| A abordagem tensiva aplicada à análise e interpretação dos recitativos barrocos..... | 62 |
| O processamento linguístico de surdos na percepção de tradutores automáticos do português brasileiro para a Libras: um estudo com rastreamento ocular | 64 |
| A percepção e a produção prosódica de ordens, pedidos, súplicas e ameaças em diálogos reais e encenados | 66 |
| “Testar positivo” ou “testar negativo”: um caso pandêmico na sintaxe do português brasileiro | 68 |
| Estudo morfossintático tipológico-comparativo de predicados não verbais em línguas da família Tupi..... | 69 |
| Redes sociais e a leitura ininterrupta: novas propostas para diferentes tipos de contextualização | 71 |
| Vocalises na canção popular brasileira: tipos silábicos e padrão formântico de vogais .. | 72 |
| A aquisição do aspecto gramatical no português brasileiro: o caso das leituras de pluralidade de eventos | 73 |

| | |
|---|-----|
| As propriedades da enciclopédia na morfologia distribuída: o lugar da semântica em uma teoria sintática | 75 |
| Restrições semântico-pragmáticas sobre o uso do pretérito perfeito composto português..... | 76 |
| Aquisição de vogais médias em posição átona em PB..... | 78 |
| <i>Kuxima</i> paá, dizque antigamente: notas iniciais sobre o contato entre português e nheengatu em São Gabriel da Cachoeira (AM) | 80 |
| Estrutura silábica do guineense a partir de tipologia fonológica: noções preliminares da estrutura interna de sílaba | 82 |
| Cartografia e aquisição da periferia esquerda no português brasileiro: um estudo de compreensão | 83 |
| Movimento associado (AM) e direcional dêitico (DD) no guineense | 85 |
| O dito <i>cujá</i> : o tratamento dado às relativas genitivas no contexto escolar | 87 |
| <i>Meridiano de sangue</i> : um estudo semiótico da fronteira ficcional de Cormac McCarthy 88 | |
| Os primeiros manuais brasileiros de introdução à Linguística: a década de 70 | 89 |
| Psicanálise <i>high-tech</i> e semiótica tensiva: <i>continuum</i> e descontinuidades | 90 |
| O semantismo da expressão no filme <i>Luz de inverno</i> | 91 |
| LLMs de código aberto vs. sistemas NMT: traduzindo linguagem espacial em legendas EN-PT-br | 92 |
| Espraiamento de nasalidade em guarani: projeto de pesquisa..... | 94 |
| Prática etnográfica, conflito ontológico e tradução semiótica | 95 |
| Análise de comentários do Youtube sobre ataques às escolas no Brasil: uma abordagem com processamento de linguagem natural..... | 96 |
| Efeitos da concordância nominal e da duração de /-s/ na percepção de vozes masculinas..... | 98 |
| Identificação automática de expressões em francês ligadas ao eixo frontas em fotografias..... | 99 |
| Aquisição de argumentos em inglês como segunda língua por falantes de português.. | 101 |
| Sintaxe complexa na demência de Alzheimer | 102 |
| Semiótica tensiva enquanto metodologia de análise prosódica da Libras | 103 |
| Contato, variação linguística e línguas africanas em materiais didáticos de português: uma análise crítica | 104 |
| O pensamento evolutivo em estudos sobre a(s) língua(s): análise da estrutura conceitual da área e sua relação com a estrutura intelectual e social..... | 106 |

O *onset*vocálico como pista acústica para a percepção da fala sincronizada: um estudo piloto com dados naturais108

O INDIZÍVEL NO TESTEMUNHO DA CATÁSTROFE HISTÓRICA

Pesquisador(a): Adriana Elisa Inácio

Orientação: Ivã Carlos Lopes

Propõe-se, no presente trabalho, uma reflexão geral a respeito da noção (frequentemente ambígua e controversa) de *indizível*, tal como ela se apresenta no âmbito do *testemunho da catástrofe histórica*, gênero amplo de manifestação do discurso autobiográfico, composto por relatos de vítimas sobreviventes de experiências históricas consideradas limite – notadamente, guerras, ditaduras e genocídios. Partimos, para tanto, da noção de *ultrapassagem aspectual*, definida, no domínio da Semiótica Tensiva, como um sobrepujamento dos limites preestabelecidos nas duas dimensões constitutivas do espaço tensivo: a dimensão *intensiva*, relativa aos estados de alma – analisados em termos de tonicidade e andamento –, e a dimensão *extensiva*, relativa aos estados de coisas – analisados, por sua vez, em termos de espacialidade e temporalidade. Definido, em última instância, como a manifestação discursiva de uma instabilidade aspectual gerada por ultrapassagem, o *indizível* a que nos referimos, aqui, circunscreve *um modo de não dizer*, ou de dizer sem dizer, ou de dizer pelo excesso ou pela falta: pelo excesso radical do enunciado-objeto novo (o objeto catastrófico) com relação à totalidade do universo de referência do sujeito afetado ou, inversamente, pela insuficiência do universo de referência do sujeito afetado com relação ao enunciado-objeto novo. Tomado como marca discursiva de veridicção, o *indizível* se deixa observar, não raro, no âmbito específico do testemunho da catástrofe histórica, como um contraste entre actantes e, mais particularmente, como um contraste entre o *actante vinculado ao relato* (aquele que produz o relato ou aquele que o recebe) e o *actante diretamente vinculado à experiência* (ator central ou secundário do narrado).

Palavras-chave: testemunho da catástrofe histórica; *indizível*; Semiótica Tensiva; ultrapassagem aspectual.

O PROBLEMA DA DIEGESE NO DISCURSO FÍLMICO: PERCURSOS DO CONCEITO E A PERSPECTIVA SEMIÓTICA

Pesquisador(a): Alef James Braga Fonseca

Orientação: Luiz Tatit

Este estudo trata de algumas das acepções da noção de *diegese* entre disciplinas que se interessam pelo texto e pelo discurso em cinema e literatura, e tem o propósito de apresentar algumas possibilidades teóricas e operacionais desse conceito para a descrição de fenômenos do discurso fílmico à luz da semiótica discursiva. Em revisão bibliográfica, vimos que, com origem na tradição clássica, *diegesis* seria, para Aristóteles em *A poética*, uma das formas da imitação poética, com histórias narradas em oralidade ou escrita, mas que não envolviam a encenação própria da dramatização, que é a segunda forma. Quando o cinema começou a se afirmar como linguagem, e os críticos e estudiosos problematizavam seus artifícios de significação, o termo ressurgiu para tentar dar conta de algumas articulações internas que envolviam a relação entre som e imagem na construção dos sentidos no cinema dito *narrativo*. Mas desde então o termo circula sem muito consenso em textos de filmologia, de narratologia, de semiologia e de semiótica. Quando figurou em *L'univers filmique*, do filmólogo Étienne Souriau (1953), a expressão "diegese" foi recalibrada para o objeto, e trouxe entendimento diferente da acepção clássica, o tornando, em breves porém firmes linhas, equivalente à noção de "universo de possibilidades" no qual se inscrevem as narrativas fílmicas, e não mais à ideia de narração ou relato. Aparece, em seguida, nos textos de semiologia do cinema de Christian Metz, retrabalhado ao longo de quatro décadas, praticamente com o mesmo espírito souriauriano, mas sistematizado com inspiração em Michel Chion para dar conta das conquistas da linguagem cinematográfica, sobretudo no que diz respeito às manifestações da voz no texto fílmico. Quase em paralelo, o conceito foi também reformulado e ampliado pelo narratólogo Gérard Genette (1969, 1972), que resgatou sua origem clássica para corresponder ao *récit*, mas agora dotado de derivações operacionais para cobrir maior contingente de possibilidades narratológicas no texto literário. Mas foram as contribuições de Metz que deram ao conceito o vigor necessário para torná-lo indispensável a todos os estudos que abordam o problema das relações entre diferentes instâncias que constituem a complexidade do discurso fílmico. A

semiótica discursiva jamais se ocupou rigorosamente de sua definição, mas os autores dedicados a textos cinematográficos incorporam em suas análises o intrincado jogo diegético, com uma das acepções anteriores, variando segundo o objeto, e nem sempre aprofundadas. Acreditamos, no entanto, que alguns estudos semióticos oferecem condições teóricas de acomodação e instrumentalização do conceito para a análise do discurso fílmico no âmbito da semiótica discursiva. Mostramos neste trabalho que, de um lado, as reflexões sobre as projeções da enunciação no enunciado já dão conta de uma variedade de ocorrências do discurso (Barros, 1988; Fiorin, 2016), permitindo situar fenômenos ditos “diegéticos” e “não-diegéticos” no trânsito entre as instâncias debreadas. De outro, as reflexões sobre o espaço tensivo e a profundidade discursiva (Fontanille; Zilberberg, 2001; Zilberberg, 2006, 2011), viabilizam o reconhecimento de gradações de presença e co-presença que explicam a complexidade das relações entre grandezas diegéticas internas, externas e sincréticas no nível discursivo do filme.

Palavras-chave: semiótica discursiva; diegese; tensividade; cinema; filmologia.

COREODOCUMENTO – LÍDIA ZÓZIMA: FORMA DEVIDA MÍSTICA

Pesquisador(a): Alexandre Lindo

Orientação: Renata Ciampone Mancini

Coreodocumento visa, por meio de fragmentos auto/biográficos, a reconstituição do corpo discursivo referente às práticas corporais de Lídia Zózima (1957-2016) no campo das Artes Cênicas em contato com os Estudos da Linguagem. Lídia foi professora de expressão corporal na Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (FASCS) de 1987 a 2015. O *corpus* é constituído de folhas avulsas de diários, cartas, fotografias, práticas cênicas gravadas e entrevistas semiestruturadas com a professora e ex-alunos (entre 1987 e 2010). A análise desse *corpus* aborda o corpo-invólucro do ponto de vista tensivo e tripartido (Fontanille, 2016), o que nos leva à busca por um corpo discursivo que se estabelece como identidade marcada e que ocupa um *éthos* discursivo próprio. Para chegar a este corpo, analisaremos alguns elementos previstos por Fontanille (2016), tais como: i) intensidades, rupturas, pontos de saturação e remanência; ii) as repetições (Si-idem); iii) um projeto de identidade (Si-ipse) refletido pelo horizonte estabelecido para o movimento do corpo. Isso nos levará ao *éthos* e comportamento da professora: o que remete a uma forma de vida (Fontanille, 2015) específica que procuraremos definir. No eixo Si-idem convergem repetições dispersas de traços auto/biográficos que são biografemas (Barthes, 1971). A reunião desses traços provenientes de fontes distintas leva ao hiperbiografema (Lindo, 2022). Para além de textos-enunciados, a pesquisa traz fotografias e gravações como arquivos (Foucault, 1969) de práticas. Ao analisar tensivamente arquivos/documentos, semióticas-objetos, pode-se postular uma gradação afetiva entre eles. E o estilo estratégico coreográfico de todos esses arquivos/documentos analisados e rearranjados da memória das interações revela sua forma de vida. O diálogo entre arte e ciência se fundamenta na semiótica francesa contemporânea em diálogo com a noção de performance (Schechner, 2013).

Palavras-chave: biografema; corpo ritual; corpo discursivo.

PERCEPÇÕES ACERCA DE /T/ E /D/ PALATALIZADOS POR ALAGOANOS DE ARAPIRACA, DELMIRO GOUVEIA E MACEIÓ

Pesquisador(a): Aline Bezerra Falcão

Orientação: Ronald Beline Mendes

Esta apresentação traz resultados iniciais de um experimento de percepção sociolinguística com foco na palatalização de /t/ e /d/ (polí[tj]ico ~ polí[tʃ]ico; [d]inheiro ~ [dʒ]inheiro) em Arapiraca, Delmiro Gouveia e Maceió, principais cidades de mesorregiões dialetais de Alagoas – onde se observam taxas distintas da variante palatalizada na produção (Falcão, 2021). Em comentários metalinguísticos anteriormente coletados (Falcão, 2023), professores e alunos alagoanos associaram [tʃ] e [dʒ] variavelmente a noções de inteligência, formalidade, idade, localidade geográfica, escolaridade e classe social, entre outras. Interessa, então, verificar se: (i) os significados sociais das variantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ] são similares ou divergentes; (ii) tais significados são diferentes de acordo com ouvintes das três localidades investigadas; (iii) características sociais do ouvinte (sexo, idade, escolaridade, classe etc) se correlacionam com suas percepções sobre as variantes. A fim de obter respostas inconscientes quanto à variável em foco, o experimento utiliza estímulos auditivos organizados de acordo com a técnica *matched-guise* (Lambert et al. 1960; Campbell-Kibler, 2009) produzidos a partir de trechos da fala de duas mulheres e dois homens alagoanos. Apresentaram-se a 99 ouvintes (33 de cada cidade) clipes de áudio em que ocorrem apenas /t/ ou apenas /d/, em uma das variantes (oclusiva ou palatalizada), de maneira que cada ouvinte foi exposto a oito estímulos (dois por falante). O formulário de percepção contém escalas de diferenciais semânticos e características discretas, por meio das quais os ouvintes avaliam as vozes que ouvem. As análises iniciais mostram que as variantes palatalizadas de /t/ e /d/ levam os falantes a soar mais “agradáveis”, “desenrolados” e “inteligentes”. Por outro lado, os falantes foram percebidos como mais simpáticos quando foram ouvidos em estímulos com /t/ do que em estímulos com /d/, mas sem correlação com a palatalização variável. Essas percepções não variam de maneira estatisticamente significativa de acordo com a cidade, sugerindo

uma dissociação entre produção e percepção sociolinguística – um fato que será discutido com a continuação da coleta de dados e a ampliação do número de ouvintes.

Palavras-chave: palatalização de /t,d/; Alagoas; experimento de percepção.

EXPLORANDO MÉTODOS DE SUMARIZAÇÃO AUTOMÁTICA PARA ELABORAÇÃO DE EMENTAS DE ACÓRDÃOS DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE RONDÔNIA

Pesquisador(a): Ana Rosa Frazão Paiva

Orientação: Marcelo Barra Ferreira

A tarefa de Sumarização Automática (SA) é uma aplicação importante para o Processamento de Linguagem Natural (PLN). Essa tarefa busca simular a habilidade humana de identificar trechos relevantes em um texto-fonte mais extenso e combiná-los para gerar um texto-alvo mais conciso. Assim, resumos automáticos podem auxiliar na recuperação e extração de informações presentes no teor de textos (Cardoso; Souza; Paixão, 2024). Na área jurídica, os resumos desempenham uma função essencial, não apenas porque os autos são volumosos e sintetizá-los facilita muitas etapas do trâmite processual, mas também porque alguns modelos de textos são resultantes da sumarização de outras peças processuais. Um exemplo desses textos são as ementas que, segundo o Manual de Padronização de Textos do Superior Tribunal de Justiça (STJ, 2016), resumem o assunto tratado no ato normativo. O escopo desta pesquisa centra-se na elaboração de ementas de acórdãos do Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO). O *corpus* foi composto a partir da extração de acórdãos do *Codex*, a base processual do Poder Judiciário Brasileiro. Excluiu-se os processos da área criminal, restando 1.100 documentos relativos aos processos da 1ª e 2ª Câmaras Cíveis. O objetivo desta pesquisa é investigar o desempenho de algoritmos de sumarização, explorando desde os métodos mais clássicos até os mais recentes na elaboração de ementas a partir do sumário de acórdãos. Assim, foi previsto o desenvolvimento de seis experimentos, dentre os quais quatro deles já foram aplicados: experimento 1 - algoritmo baseado em frequência das palavras; experimento 2 - algoritmo de *Luhn*; experimento 3 - sumarização com similaridade de cosseno e experimento 4 - sumarização utilizando as bibliotecas *Sumy* e *Pysummarization*. Os experimentos foram separados desta forma em virtude das avaliações até esta etapa se fundamentarem apenas em análises comparativas entre o resumo gerado e o texto original da ementa, não foram aplicadas métricas de avaliação intrínseca. Os resultados demonstraram que tais algoritmos produziram resumos aceitáveis, recuperaram as informações principais presentes nos textos dados, contudo

tais excertos não são condizentes com uma proposta de ementa, considerando o padrão da redação de ementas escritas por humanos. As próximas etapas, experimento 5, incluem treinamento de modelos de arquitetura *transformers*, tais como o BERT (*Bidirectional Encoder Representations from Transformers*), no caso o BERTSUM, conhecido por terem boa performance na previsão de quais partes do texto original são mais importantes para serem incluídas no resumo final. Neste caso, além da avaliação contemplar a seleção de algumas amostras para comparação com as ementas de referência, a ideia é utilizar a métrica BERTScore para calcular a similaridade semântica entre as sentenças do resumo gerado e as sentenças de referência e a ROUGE (*Recall-Oriented Understudy for Gisting Evaluation*) e suas variantes que são métricas específicas para avaliar o desempenho de sumarização extrativa. Pretende-se, ainda, explorar, experimento 6, sumarização com uso de Large Language Models, aproveitando que o *corpus* permite o uso de grandes modelos e comparar o seu desempenho neste tipo de tarefa.

Palavras-chave: processamento computacional de linguagem natural; sumarização automática; ementas de acórdãos; textos jurídicos.

DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS

Pesquisador(a): Andressa Vieira e Silva

Orientação: Marcos Fernando Lopes

A ironia é um aspecto marcante das línguas humanas, muito utilizada em conversas cotidianas para falar sobre alguém ou alguma coisa. A interpretação de uma declaração irônica está fortemente ligada a aspectos extralinguísticos, como a intimidade entre os envolvidos no diálogo, o conhecimento de normas de interação social e de mundo e o contexto em que ela foi produzida. Se alguém diz “Eu amo tomar banho de chuva”, a pessoa pode estar sendo irônica ou sincera e para compreender o significado da sentença será preciso ter informações extralinguísticas. Na Linguística Computacional, a ironia é abordada como uma tarefa de classificação automática de um texto em irônico ou não-irônico. Por causa da dependência de aspectos extralinguísticos para sua interpretação, a detecção automática de ironia é uma tarefa difícil de resolver. Além disso, essa tarefa é aplicada sumariamente em textos escritos, portanto pistas advindas da entonação da voz e da expressão facial presentes em interações cara-a-cara estão ausentes. Alguns recursos de escrita, como a utilização de aspas, caixa alta e expressões de riso, podem servir de indicações de ironia. Por exemplo, a risada é uma forma de mostrar que não se acredita no que está dizendo ou para zombar de alguém que diria isso. Apesar de úteis do ponto de vista da aplicação, esses marcadores nem sempre estão presentes e são pistas muito rasas que não dão conta do fenômeno da ironia. A presente pesquisa tem como objetivo caracterizar as formas de identificação de ironia na rede social Twitter. Essa caracterização será baseada em aspectos linguísticos de cunho morfológico, semântico e sintático e em aspectos contextuais associados à relação entre os interlocutores e às emoções expressas no texto. Na primeira etapa de pesquisa, foi coletado um *corpus* de textos irônicos e não-irônicos extraídos do Twitter relacionados a três temas: Política, Saúde e Entretenimento. Os tweets coletados estão inseridos em uma conversa, portanto, além do tweet que será analisado (Turno 2), também foi coletado o tweet anterior na sequência do diálogo (Turno 1). Na etapa atual, estão sendo avaliadas as características linguísticas para a identificação de ironia. Está em análise a relação entre a produção de ironia e os sentimentos transmitidos no texto para avaliar se há formas de caracterizar a

ironia com base no conflito de sentimentos no texto ou entre o texto do Turno 1 e do Turno 2. Para detectar possíveis incongruências entre sentimentos intertextuais ou extratextuais, estão sendo testadas técnicas de análise de sentimentos e métodos de similaridade semântica. A expectativa é comparar um modelo que considera apenas aspectos linguísticos a um que leva em consideração aspectos extralinguísticos para determinar o impacto do contexto para a identificação de ironia no Twitter.

Palavras-chave: ironia; detecção automática de ironia; linguística computacional.

O *SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS* E O PROGRAMA DE PESQUISA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL DE 1940 – 2000

Pesquisador(a): Augusto Vicente Neto

Orientação: Olga Ferreira Coelho Sansone

Este trabalho de mestrado tem como objetivo oferecer uma interpretação, no sentido da Historiografia Linguística, para o trabalho de descrição de línguas do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). A instituição norte-americana missionária, que iniciou seus trabalhos com povos indígenas na década de quarenta do século XX, foi pioneira nos estudos de muitas línguas indígenas do Brasil, sendo referenciada até hoje por grande parte das pesquisas que se convencionou chamar de “Linguística Indígena.” Diante disso, consideramos pertinente prover uma interpretação para esse evento que faz parte do processo de constituição dos estudos das línguas indígenas brasileiras, tendo em vista que foi protagonizado por instituição estrangeira de caráter missionário. Para alcançar tal objetivo, realizamos um mapeamento da produção técnica do SIL, como divulgado em seu arquivo. O mapeamento para Historiografia Linguística, consiste em uma apropriação inicial de maneira sintética da produção já existente sobre o objeto de estudo em questão, através da catalogação desse material sob determinadas categorias que, posteriormente, podem revelar pontos de interesse para um estudo analítico, sob o viés de interpretação. No nosso trabalho, esse mapeamento já vem nos trazendo alguns resultados prévios: os trabalhos do SIL vão do nível suprasegmental ao discursivo; em línguas de todas as cinco regiões do Brasil e adjacências; não se restringem ao tronco Tupi e possuem diferentes níveis de formalização. Esses indícios somados nos levanta a hipótese de um produto semelhante à discussão feita por Sylvain Auroux (1992) em seu clássico livro *A revolução tecnológica da gramatização*, ao se referir à produção massiva de descrições gramaticais, não só de línguas europeias, mas ameríndias, a partir do referencial teórico da gramática greco-latina, entre os séculos XV e XVI pelos impérios ocidentais. Algumas semelhanças são mais imediatas, como o caráter missionário dos agentes que realizam as descrições, mas também a massificação. Outras parecem mais sutis, como a assunção de universalismo que se insinua quando se transpõem conhecimentos de ciências da linguagem historicamente condicionados para realidades distintas. No entanto, é necessário também resguardar as diferenças, algumas mais óbvias, como estas: as

tradições de ciências da linguagem empregadas pelo SIL se diferem da tradição gramatical greco-latina; as nacionalidades dos missionários; o alcance do trabalho do SIL é ainda maior. Outras mais complexas, como as relacionadas às perguntas que orientam nossa pesquisa: o que motiva uma instituição missionária norte-americana descrever tantas línguas indígenas brasileiras em meados do século XX na América Latina? Em nome da ciência? Se sim, quais os efeitos da produção desses bens simbólicos na ecologia da comunicação humana? Se não, em nome de Deus? Se em nome de Deus, por que são reconhecidos pela produção linguística e não evangelizadora? Para “salvar” essas línguas da extinção? Em que medida isso pode ser feito através da descrição? Não é nossa pretensão esgotar esses pontos, mas discuti-los com vistas a explicar as nuances históricas desse processo.

Palavras-chave: línguas indígenas; gramatização; Historiografia Linguística;

TIPOLOGIA E ANÁLISE DAS *aoP*

Pesquisador(a): Ayrthon Breder

Orientação: Jairo Morais Nunes

O português brasileiro conta com estruturas sentenciais infinitivas introduzidas por *ao*, doravante referidas por “*aoP*” (“*aoPhrase*”), exemplificadas entre colchetes na sentença [*Ao correr a maratona*], *o Rui se sentiu mal* (Raposo, 2013, p. 1997). Como esperado para as estruturas sentenciais infinitivas, introduzidas ou não por preposições ou locuções prepositivas (ex.: *antes de*, *ao invés de*), as *aoP* podem ocupar diferentes posições da espinha dorsal da sentença (ex.: inicial em [*Ao correr a maratona*], *o Rui se sentiu mal*; medial em *O Rui*, [*ao correr a maratona*], *se sentiu mal*; ou final em *O Rui se sentiu mal* [*ao correr a maratona*]). O sujeito das *aoP* pode ser correferente ou não-correferente com o sujeito da matriz, variando de acordo com pelo menos três fatores: (i) posição da *aoP* em relação à sentença (*locus* do merge); (ii) classificação dos sujeitos da *aoP* e da matriz (entre implícito ou explícito, quanto à expressão fonética); ou (iii) concordância número-pessoal dos verbos da *aoP* e da matriz (considerando a expressão do infinitivo da *aoP* como pessoal ou impessoal). Em particular, a expressão fonética do sujeito da *aoP* responde a fatores independentes ainda pouco explorados na literatura. Com efeito, diferentemente das demais estruturas sentenciais infinitivas do português, as *aoP* não licenciam facilmente sujeitos expressos, como pronomes (ex.: *ele*) ou nomes plenos (ex.: *o João*), na posição pré-verbal, canônica (ex.: *antes de (ele/o João) oferecer ajuda*; *ao invés de (ele/o João) oferecer ajuda*; *ao (*ele/*o João) oferecer ajuda*). Sujeitos expressos (pronominais ou não-pronominais) soam mais naturais internamente às *aoP* formadas por verbos auxiliares (ex.: *ao ter (ele/o João) oferecido ajuda* – com o sujeito contíguo ao verbo auxiliar) ou por verbos inacusativos (ex.: *ao persistirem os sintomas* – com o sujeito na posição pós-verbal). Por isso, busca-se, neste trabalho, primeiramente, apresentar uma tipologia *aoP* e, em seguida, uma análise da estrutura interna dessas construções, à luz da teoria gerativa, e dos fundamentos minimalistas. Como hipótese inicial, espera-se identificar uma estrutura geral rotulada como um PP, nucleado pela preposição *a*, e dominante sobre um TP infinitivo tal que satisfaz EPP através da inserção do artigo masculino singular *o* na posição especificadora (i.e., [_{PP} *a* [_{TP} *o persistirem* [_{VP} *os sintomas*]]]) – com a preposição *a* e o artigo *o* inseridos separadamente na sintaxe). Se

verificada, essa hipótese (i) explica o não licenciamento de qualquer outro elemento (nominal) na posição canônica do sujeito, em Spec,TP, enquanto (ii) corrobora paralelamente a ideia de que pronomes e nomes plenos não são os únicos capazes de satisfazer EPP, e portanto que esses elementos não necessariamente chegam ao Caso nominativo via movimento para Spec,TP.

Palavras-chave: sintaxe; português brasileiro; sentenças infinitivas introduzidas por *ao*.

LINGUAGEM SIMPLES, CIDADANIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Pesquisador(a): Bárbara Freitas

Orientação: Thomas Daniel Finbow

A Linguagem Simples pode ser entendida como um conjunto de práticas que visam facilitar a leitura e a compreensão de documentos públicos, servindo como um primeiro passo para se combater a burocracia e facilitar o acesso à informação. A finalidade da pesquisa é contribuir com uma análise crítica sobre as técnicas utilizadas atualmente para se instituir a Linguagem Simples como política pública dentro das organizações governamentais, ainda que se entenda a importância dessas iniciativas no cenário nacional. Para isso, a proposta é, do lado teórico, analisar a linguagem tradicionalmente utilizada por instituições públicas no contato com a população, explorando as relações entre escrita, oralidade, prestígio, sociedade, ensino tradicional e preconceito linguístico. Autores como Carlos Alberto Faraco (2009), Marcos Bagno (1999), Dante Lucchesi (2015), Maurizio Gnerre (1991), Heloisa Fischer (2022) e Caetano Galindo (2023) são alguns dos nomes que ajudam a abrir os caminhos para essa discussão. Do lado prático, a pesquisa de campo se baseou em acompanhar o processo de elaboração do Caderno de Orçamento de 2024 da Cidade de São Paulo em Linguagem Simples, um projeto desenvolvido e coordenado pela equipe do Laboratório de Inovação do Município, o Lab11. A metodologia utilizada foi participar de alguns desses encontros, além de realizar reuniões presenciais e remotas com os participantes. Ao mesmo tempo, foram analisados os materiais didáticos criados e distribuídos pela Prefeitura dentro e fora das oficinas. Durante esse processo, foi possível entender melhor algumas dúvidas e debates que surgiram em relação ao conteúdo do programa, já que algumas diretrizes sugerem uma mudança de hábitos linguísticos que esbarram, também, em comportamentos culturais enraizados na sociedade. Uma dessas dicas, por exemplo, recomenda o uso de palavras e expressões sem marcação de gênero. Outra, sugere a substituição de termos estrangeiros, ainda que muitos façam parte do vocabulário cotidiano em ambientes de trabalho, como *briefing*, *slide* e *feedback*. Ao final do estudo, foi possível identificar oportunidades de se aprofundar no debate do ponto de vista linguístico, a fim de se entender melhor como substituir a linguagem tradicionalmente utilizada por órgãos públicos sem fugir às regras básicas da escrita, essencial para se estabelecer um padrão

na elaboração de documentos oficiais e garantir uma comunicação eficiente com o público. Além disso, um dos maiores desafios identificados no decorrer da pesquisa foi o paradoxo encontrado no ensino tradicional, que insiste em prescrever e reforçar uma linguagem que se distancia cada vez mais da pluralidade vernacular espalhada pelo Brasil. Em um país onde 30% da população adulta alfabetizada não consegue entender direito informações escritas (INAF, 2018), é urgente repensar a linguagem utilizada para elaborar documentos e se comunicar com o público. Quanto mais pessoas entenderem o que leem, mais preparadas elas estarão para exercer seus direitos e deveres. Quanto mais cidadãos conscientes, maiores são as chances de um povo se desenvolver com igualdade, autonomia e paz. A Linguagem Simples não resolve tudo, mas é um começo.

Palavras-chave: Linguagem Simples; preconceito linguístico; comunicação pública; acesso à informação; cidadania.

DESENVOLVIMENTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA HISTÓRICA BRASILEIRA (1980-2020): UMA HISTORIOGRAFIA DE COMUNICAÇÕES ORAIS EM EVENTOS ESPECIALIZADOS

Pesquisador(a): Bruno Fochesato Alves

Orientação: Olga Ferreira Coelho Sansone

Esta comunicação apresentará os resultados de uma dissertação de mestrado de mesmo nome, concluída este ano. A dissertação, por sua vez, foi uma tentativa de investigar os caminhos pelos quais a Linguística Histórica brasileira se consolidou a partir de uma fase de renovação de interesses durante a década de 1980. Para isso, a periodização adotada optou por dois momentos: (1) a década de 1980, em que uma jovem geração de pesquisadores brasileiros retornava de ciclos de formação no exterior, influenciados pelos aportes da sociolinguística laboviana, funcionalismo e gerativismo e (2) um evento especializado no ano de 2020, em que as pesquisas de viés sócio-histórico já estariam mais consolidadas. Seleccionamos, assim, duas falas, posteriormente publicadas, uma de Fernando Tarallo e outra de Rosa Virgínia Mattos e Silva, feitas em dois eventos da Associação Brasileira de Linguística no momento (1) nos anos de 1984 e 1987, e duas falas, apresentadas como comunicações orais, no evento online, oferecido pela mesma Associação, o Abralín Ao Vivo: Linguists Online, no momento (2), 2020. Oferecemos um tratamento interno e externo para essas quatro comunicações, baseados em pressupostos teóricos e metodológicos da Historiografia Linguística, inserindo-as em seus respectivos contextos imediatos. Para as análises internas, seleccionamos os conceitos de Programa de investigação (Swiggers, 1981) e Camadas do conhecimento linguístico (Swiggers, 2019). Para o caso do tratamento externo, observamos categorias como colégio invisível, lideranças organizacionais, filiação entre mestre e aluno (Calvet, 1999; Murray, 1994). A pesquisa também apresentou uma breve discussão teórica sobre a importância do estágio público de divulgação do conhecimento científico entre os pares, à luz do que propõe Cohen (1985).

Palavras-chave: Linguística Histórica, sociolinguística histórica, historiografia linguística, comunicações orais.

A PESQUISA EM ENSINO DE MORFOSSINTAXE NO BRASIL: UMA HISTORIOGRAFIA A PARTIR DE TESES E DISSERTAÇÕES PUBLICADAS ENTRE 1970 E 1999

Pesquisador(a): Camila Carneiro dos Santos Silva

Orientação: Olga Ferreira Coelho Sansone

Considerando as abordagens, teorias e metodologias para e de ensino do português brasileiro enquanto L1, e as mudanças pelas quais a educação – bem como a sociedade – brasileira passou nas últimas décadas, objetiva-se traçar, criticamente, um perfil da produção acadêmica em Linguística voltadas para o tema, a fim de responder à pergunta que norteia o presente trabalho: *Enquanto ciência, como a Linguística ofereceu reflexões e propostas que visaram lidar com as questões sociais, didático-pedagógicas, científicas e sociais que incidem sobre o ensino de língua materna?* Especificamente, pretende-se observar o que se fez e se pensou acerca do Ensino de Morfossintaxe no Brasil, dos anos 1970 a 1999, a partir de perspectivas oferecidas pela Linguística, em intrínseca relação com os contextos nos quais essas produções foram elaboradas. Para tanto, escolheu-se analisar as produções acadêmicas, teses e dissertações, resultantes dos programas de pós-graduação do país das grandes áreas de Linguística, Letras e Artes e Educação, a partir dos pressupostos das Historiografia Linguística. Escolheu-se a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia como base para o levantamento de dados, por se tratar de um repositório nacional, que pode oferecer um panorama mais diversificado e amplo dessa produção. Para a organização preliminar dos dados, escolheu-se o software gratuito e *on-line* Google Worksheets. Na BDTD buscou-se pesquisar, primeiramente, produções acadêmicas nas quais as palavras-chave “morfossintaxe,” “ensino de morfossintaxe,” “ensino de gramática,” “sintaxe,” “ensino de sintaxe,” e “ensino de morfologia” estivessem presentes, fosse no título, nas palavras-chaves e/ou no resumo. Pretende-se analisar também documentos oficiais como as Leis de Diretrizes e Bases de 1961 e 1996, também a Lei 5.692/71, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, que criam parâmetros para guiar o ensino, embora não haja garantias acerca da aplicação efetiva daquilo que definem essas propostas oficiais. Dessa forma, a legislação voltada para o ensino de língua materna, ao lado dos trabalhos das dissertações e teses que o

exploraram constituem o *corpus* do presente trabalho. Feitos esses recortes em relação aos materiais de análise, propõe-se catalogar as teses e dissertações segundo critérios de mapeamento definidos em Coelho, Nóbrega e Fochesato (2021). Para a realização desse mapeamento, foi feito um levantamento de pretensão exaustiva, assim como os autores destacam (Coelho; Nóbrega; Fochesato, 2021). A pretensão de exaustividade é incorporada no presente trabalho visando a uma familiarização ampla e abrangente com o tema, essas fontes e seus contextos. Os dados referentes à legislação e a contextos mais amplos serão reunidos e examinados de forma mais livre, mas, igualmente, à luz da questão que organiza essa pesquisa.

Palavras-chave: português brasileiro enquanto L1; ensino de morfossintaxe; Historiografia Linguística.

IDENTIDADES LINGUÍSTICAS RELACIONAIS: O CASO GALEGO

Pesquisador(a): Cecília Farias de Souza

Orientação: Evani de Carvalho Viotti

Ainda que as realidades monolíngues sejam minoria no mundo, a linguística contemporânea frequentemente parte do pressuposto de que a situação padrão das línguas é o monolingüismo, tanto no plano social como no âmbito individual, pressuposto associado à noção de língua como um sistema fechado, autocontido e autossuficiente que evolui segundo uma lógica interna. Nessa perspectiva, o contato entre línguas e os fenômenos a ele associados são estudados como se o multilingüismo fosse uma sobreposição de monolingüismo, o que se reflete no modo como são estudadas as relações entre línguas/variantes coexistentes e suas indexicalidades sociais. Os estudos sociolingüísticos que tratam do tema são extensos (Auer, 1998; Cáccamo, 2000; Labov, 1966, entre outros), ainda assim tratam-se de abordagens que apontam para relações estanques, em geral relacionando formas de falar a macrogrupos sociais. Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado que se dedica ao estudo do contato lingüístico na Galícia, Comunidade Autônoma no noroeste da Espanha historicamente marcada pelo contato entre o galego e o castelhano. Muitos estudos mostram uma relação assimétrica entre essas línguas quanto ao prestígio social (Iglesias Álvarez, 2016; Lagares, 2011; Monteagudo, 2012, 2021), bem como os processos de reconhecimento do galego como língua oficial e de criação de uma norma padrão para ele (Lagares, 2011; O'Rourke, 2017; Rigueira, 2012; Samartim, 2012), muitas vezes tidos como conquistas para a promoção e desestigmatização da língua. Ainda assim, ainda há poucos trabalhos que exploram o dinamismo, a fluidez e o caráter relacional das identidades lingüísticas nessa região. Em trabalho de campo realizado em 2023 (de caráter etnográfico), observou-se que as relações entre língua ou variedade de prestígio mudam de acordo com a região, as identidades políticas, os percursos de vida de cada pessoa. Por exemplo, o galego normativo não tem garantida uma posição de prestígio, podendo muitas vezes ser percebido como artificial ou a variedade usada por neofalantes (pessoas que aprenderam a língua como L2) e estrangeiros. Também se nota o impacto duplo da proibição das línguas regionais pela ditadura franquista: se por um lado estigmatizou o galego, por outro o tornou uma língua associada à resistência ao governo e a grupos de esquerda. Nesta

apresentação, será discutida a situação sociopolítica das línguas na Galícia por meio de uma perspectiva que toma as línguas como sistemas complexos, dinâmicos e adaptativos (Lee *et al.*, 2009; Mufwene, 2001, 2008; Viotti, 2013, 2020, entre outros), com base, principalmente, na teoria da ecologia do contato proposta por Mufwene (2001, 2008) e no trabalho de Silverstein (2003) sobre indexicalidade social da língua, com o objetivo de descrever a relação que os falantes têm com suas línguas e as dinâmicas sociais presentes na ecologia linguística em que estão inseridos.

Palavras-chave: ecologia de contato; identidade linguística; indexicalidade; língua galega.

ASPECTOS ESTRUTURAIS DO TRUNCAMENTO MORFOLÓGICO E DA HIPOCORIZAÇÃO

Pesquisador(a): César Elidio Marangoni Junior

Orientação: Ana Paula Scher

O truncamento morfológico e a hipocorização são dois processos de formação de palavras nos quais há apagamento de material fonológico de uma base de forma a criar uma nova palavra que apresenta uma leitura semântica adicional de apreciação (Rafael > Rafa, bijuteria > biju). A literatura morfofonológica oscila entre considerá-los como processos diferentes (Gonçalves, 2004) ou como o mesmo processo (Alber; Arndt-Lappe, 2012), a depender de critérios formais e de significado, por exemplo, tipo de base selecionado, configuração silábica e tipo de significado envolvido. Neste trabalho, com base na observação e comparação entre dois corpora – um formado por 111 formas truncadas não hipocorísticas e outro formado por 130 hipocorísticos –, e tendo como arcabouço teórico o modelo da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993), abordamos os aspectos estruturais de tais processos, principalmente no que diz respeito à estrutura morfossintática e à realização fonológica. Nossa proposta assume que tanto o truncamento morfológico quanto a hipocorização são casos de morfologia avaliativa (Grandi; Körtvélyessi, 2015) e que, estruturalmente, eles envolvem a presença de um núcleo avaliativo (EVAL), o qual pode ter uma função de núcleo (n_{EVAL}) ou de adjunto modificador (EVAL) a depender da relevância estrutural que ele apresenta (Wiltschko; Steriopo, 2007; Steriopo, 2018). Em termos estruturais, defendemos que: a) em todos os hipocorísticos, o avaliativo aparece como um adjunto modificador, uma vez que, nesses casos, não há alteração da categoria da base ($J_{uliana_{nome}} > J_{u_{nome}}$), não há alteração do valor de gênero da base ($o_{masculino} Rafael_{masculino} > o_{masculino} Rafa_{masculino}$; $a_{feminino} Rafaela_{feminino} > a_{feminino} Rafa_{feminino}$) e o avaliativo não altera o valor do traço de classe da base; b) para os truncamentos, alguns deles apresentam o avaliativo como um adjunto modificador (bijuteria > biju, refrigerante > refri), enquanto outros apresentam o avaliativo como um núcleo sintático. Nestes, o que evidencia o estatuto de núcleo do avaliativo é o fato de ele carregar um traço de classe II (Alcântara, 2010; Scher, 2018), que altera a classe da base à qual ele se concatena (japonês > japa, neurose > neura, periferia > perifa). Para o português brasileiro, defendemos que os dois tipos de

truncamento são nominais e, em ambas as funções do avaliativo, sua concatenação se dá a um nome (uma raiz já categorizada por um nominalizador). Em termos morfofonológicos, assumimos que a perda fonológica é o expoente fonológico codificado no item de vocabulário que realiza o avaliativo, sendo que o tipo de perda segmental que acontece em cada caso é dado pela interação entre o avaliativo e o primeiro nominalizador, obedecendo-se as condições de localidade de Embick (2010), de maneira que somente as informações fonológicas que estão linearmente adjacentes ao avaliativo podem ser manipuladas para fins de truncamento: quando o nominalizador é plenamente realizado ($\sqrt{-n}$: neur-ose, pad-aria), há o apagamento do nominalizador no contexto em que o avaliativo está presente ($\sqrt{-n-n_{EVAL}}$: neur-ose-a, pad-aria-oc-a); quando o nominalizador é fonologicamente nulo ($\sqrt{-n}$: guilherme- \emptyset ; preguiça- \emptyset), ele sofre poda e, portanto, a raiz e o avaliativo estão linearmente adjacentes, permitindo interações alomórficas entre eles ($\sqrt{-n-n_{EVAL}}$: guilherme; preguiça).

Palavras-chave: truncamento morfológico; hipocorização; morfologia avaliativa; morfosintaxe; Morfologia Distribuída.

PRÁTICAS E MATERNIDADE

Pesquisador(a): Cláudia Marques Fernandes Carlucci

Orientação: Norma Discini

Tomando como base a semiótica discursiva (Greimas, 1973) e a semiótica das práticas (Fontanille, 2008), nossa pesquisa de doutorado propõe-se a analisar o estilo da prática do influenciador digital ativista em relação à maternidade, em especial a daqueles ligados a valores contrários aos do discurso do senso comum, que tem no mito do instinto materno sua base. Descreveremos os mecanismos de construção do sentido na internet, observando as condições de suporte e de circulação dos gêneros. Como podemos entender a significação gerada no interior de cada *post* (objeto sincrético), considerando que há um ato enunciativo pressuposto ao enunciado e realizado no ato de postar? O conceito de *éthos*, de acordo com Fontanille (2008, p. 34) está vinculado ao comportamento e a estilos estratégicos e, entre esses dois, as formas de vida podem ser reconhecidas. Assim, interrogaremos a emergência do estilo de um ativista *on-line* como um modo peculiar de contribuição para a polêmica social (Amossy, 2017) acerca da maternidade e, conseqüentemente, para a desconstrução, a reconstrução ou, até mesmo, a confirmação de alguns discursos e dos respectivos valores a eles atrelados. Segundo Discini (2022, p. 3), “associado ao estilo de uma prática, o *éthos* se apresenta vinculado a um campo de presença, o que implica oscilações próprias a ajustamentos,” como aqueles do sujeito em relação à estesia constitutiva da linguagem (Zilberberg, 2006, 2011) e à interação com o destinatário, no nosso caso, os seguidores dos perfis. Dessa forma, conceitos da semiótica tensiva (Zilberberg, 2006, 2011) serão por nós considerados quando, por exemplo, analisarmos a exacerbação sensível que, de acordo com Mancini (2021, p. 4), “estabelece o *modus operandi* que pauta as relações intersubjetivas.” Por fim, a análise do estilo da prática dos influenciadores também nos possibilitará conectar os textos a serem cotejados com as práticas da maternidade em si. Sociais por excelência, as práticas se soltam das molduras do texto e apontam para o funcionamento da sociedade. Assim, poderemos investigar, entre outros pontos, a camada de preconceito que subjaz à superfície da aparência do amor materno posto necessariamente em harmonia nas relações interpessoais. A seleção do nosso *corpus* ainda está em análise. Ela englobará perfis que defendem o que chamam de “maternidade

real” e lutam pelo fim da idealização da experiência de ser mãe. Também está em nosso horizonte o acréscimo de outros gêneros a esse *corpus*. Sabemos que cotejar objetos que possibilitam abordar o intervalo semiótico entre os diferentes gêneros e textos que os concretizam é muito caro à semiótica e tende a render boas contribuições para a área.

Palavras-chave: maternidade; práticas; estilo; influenciador digital.

ELIPSE DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Pesquisador(a): Claudia Souza Coelho

Orientação: Jairo Morais Nunes

O padrão de elipse de expressões idiomáticas (*Els*) em português brasileiro (*PB*) é intrincado, pois é possível elidir a *El* inteira (cf. (1)), mas não suas partes (cf. (2)). E, crucialmente, a elipse do NP da *El* se torna possível quando artigo e possessivo são mantidos (cf. (3)).

- (1) a. O João comeu o meu fígado, mas o Ivo não [comeu o meu fígado]
b. O João lavou as mãos, mas você não [lavou as mãos]

- (2) a. #O João comeu o meu fígado, mas o Ivo não comeu [o meu fígado]
b. #O João lavou as mãos, mas você não lavou [as mãos]

- (3) a. O João comeu o meu fígado, mas o Ivo não comeu **o seu** [fígado]
b. O João lavou as mãos dele, mas você não lavou **as suas** [mãos]

Argumentamos que, ao contrário do proposto por Nunberg, Sag e Wasow (1994) para o inglês, a possibilidade (ou não) de elipse parcial não distingue diferentes tipos de *Els*, mas resulta da interação entre regras específicas de cada língua quanto ao que pode ser apagado, requerimentos de interpretação das *Els* nas interfaces e mecanismos de estrutura informacional. Especificamente, o *PB* permite elipse parcial de seus VPs naturalmente, mas os requerimentos de interpretação em LF exigem condições adicionais para as *Els*: em (3), o possessivo torna a elipse possível pois a sua presença cria um contraste entre os dois conjuntos da sentença. Isso também explica por que *gapping* é possível para *Els* ((4)) e por que a elipse parcial é possível como resposta para perguntas ((5)): os possessivos e os verbos, respectivamente, são responsáveis por estabelecer o contraste.

- (4) a. O João comeu o meu fígado e o Ivo, o seu.
b. O João lavou as mãos dele e você, as suas.

- (5) a. O João comeu o seu fígado, (né)? R: Comeu [o seu fígado]
b. O João lavou as mãos, (né)? R: Lavou [as mãos]

Palavras-chave: expressões idiomáticas; elipse; português brasileiro; estrutura informacional.

FORMAS DE VIDA EM CONFLITO: O MITO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Pesquisador(a): Daniela dos Santos

Orientação: Norma Discini

Sob uma perspectiva semiótica, propomos a seguinte hipótese: como o mito está presente na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa? A partir da obra de Eliade (2000, p. 270), que define mito como a *coincidentia oppositorum*, analisaremos Riobaldo e Diadorim como resultado dessa *coincidentia*. Desse modo, verificaremos como termos complexos e/ou neutros (Greimas, 2008) podem criar conflitos entre as formas de vida (Fontanille, 2008b, p. 32). Para isso, analisaremos sob a ótica de que, em Riobaldo, temos as formas de vida do jagunço – vingança, mortes, assassinatos, estupros – e, ocupando o mesmo espaço, em coexistência, as formas de vida do poeta: descrição da natureza idealizada, ajustamento com o espaço, amor. Além dessas formas de vida, podemos pensar na coexistência da forma de vida racional, moderna (*logos*): o Riobaldo que não se deixa levar por narrativas populares, que age de maneira crítica (que diz: “o diabo não há! É o que eu digo se for... Existe é homem humano. Travessia” (Rosa, 2015, p. 492)); e da forma de vida supersticiosa, que age pelo *mythos*: que faz o pacto com o diabo, que precisa da aprovação do senhor da cidade (“Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o diabo não existe” (Rosa, 2015, p. 492)). Assim, são combinados mito e logos: o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional, que disputam a mente de Riobaldo. Diadorim, por sua vez, é igualmente constituída pela forma de vida do poeta, pois é ela que dá a visão do espaço do sertão a Riobaldo, que desperta sua poesia; mas também é a forma de vida do jagunço: é por ela que Riobaldo faz o pacto, é por ela que ele se assume como Urutú-Branco, que constrói um perfil judicativo de chefe frio, inescrupuloso, capaz de matar apenas porque lhe deu vontade.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; desdobramentos da semiótica discursiva; Guimarães Rosa; romance; mito e linguagens.

DEFINIDORES DE ISOTOPIAS: CONCEITUAÇÃO E APLICAÇÃO

Pesquisador(a): Eduardo Prachedes Queiroz

Orientação: Ivã Carlos Lopes

Em Semiótica Discursiva, as isotopias consistem em recorrências de categorias sêmicas, como bem explicam Greimas e Courtés no Dicionário de Semiótica. Essas recorrências das unidades mínimas de significação resultam, juntas, em uma linha de leitura. Portanto, é o reconhecimento das isotopias que assegura a interpretação coerente de um texto, qualquer que seja a sua linguagem de manifestação. Pode haver, nos textos, mais de uma isotopia, e, nesses casos, é possível que existam conectores de isotopias – elementos que participam de mais de uma isotopia dentro de um mesmo texto e que, assim, representam um momento de sincretismo entre pelo menos duas isotopias diferentes. Além dos conectores de isotopia, existem também os desencadeadores de isotopias, elementos que aparecem ao final do texto e fazem com que o seu interpretante precise retomá-lo a partir do início para ser capaz de reconhecer os elementos isotópicos que haviam sido ignorados até então. Ademais dos conectores e dos desencadeadores de isotopias, propomos, neste trabalho, a existência de outro elemento dentro do universo isotópico, os definidores de isotopia. Esses seriam elementos suficientemente potentes para estabelecer uma isotopia em textos que possuem possibilidades interpretativas múltiplas. Os definidores de isotopia ativariam, nos outros elementos figurativos com que se relacionam, certos semas em detrimento de outros, os quais ficam em estado virtual, não realizado. Para melhor definirmos esse conceito, compararemos os definidores de isotopia com os desencadeadores de isotopias. A partir da comparação, apontaremos três grandes diferenças entre ambos: (i) uma de ordem aspectual, (ii) uma relativa à intensidade que tem a isotopia no campo de presença do sujeito interpretante, e (iii) uma que diz respeito à força da modalização pelo crer. Para demonstrar a aplicabilidade do conceito, pensaremos nos corpos negros, uma vez que, em uma sociedade racista, esses corpos funcionarão como definidores de isotopias.

Palavras-chave: semiótica; isotopia; definidores de isotopia.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL: UMA ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA

Pesquisador(a): Elza da Conceição Machado

Orientação: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Fundada em 30 de abril de 1988, Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negras por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira. Esse portal, em 2015, destacou três revistas que apresentaram na capa mulheres negras famosas, as quais duas delas sofreram racismo por meio de agressão verbal nas redes sociais, e a outra apresentou um protesto referente ao abuso da sexualidade feminina. Por consequência, essas capas provocaram mais mudanças no comportamento da sociedade, especificamente entre as mulheres negras nas diversas classes sociais e de faixa etária. A figura da mulher negra tem se manifestado constantemente nas mídias de forma a influenciar transformações na classe feminina. Por esse motivo, é importante analisar essas capas e fomentar discussões e reflexões acerca delas. Mediante esses acontecimentos, esse trabalho analisará como a figura da mulher negra tem sido vista pela sociedade de uma forma específica no Brasil. Por meio da semiótica, determinaremos a mostrar se, de fato, a mulher negra tem conquistado seus direitos e valor de prestígio social, ou ainda, se no século XXI existem hostilidades subentendidas nas linguagens verbal e não verbal. Assim, esse estudo tem como base a semiótica social e a semiótica discursiva que fundamentam e possibilitam este estudo teórico-analítico. Além disso, esta análise trata de verificar os efeitos de sentidos dessas imagens e dos enunciados que as acompanham como influências e reflexos nos comportamentos atuais da sociedade brasileira. Sendo assim, fazer uma reflexão sobre possíveis mudanças de comportamentos discursivos a respeito de práticas que envolvem o tema mulher negra na contemporaneidade brasileira e, desse modo, contribuir com discussões que têm apontado para o reconhecimento do lugar ocupado pela mulher negra na sociedade.

Palavras-chave: mulher negra; linguagem verbal e não verbal.

“UMA AGENDA PÓS-COLONIAL PARA CRIOLISTAS”: VALORES COGNITIVOS E SOCIAIS NA CRIOLÍSTICA MODERNA

Pesquisador(a): Everton Mitherhofer Bernardes

Orientação: Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Nas últimas décadas, observa-se o acaloramento de um debate na criolística. Seu cerne gira em torno dos critérios utilizados para a classificação de determinadas línguas como crioulas ou não crioulas. Duas correntes opostas protagonizam esse embate: a excepcionalista, que compreende que certas línguas constituem uma categoria diferente das demais línguas naturais, a categoria de línguas crioulas; e a uniformitarista, que contesta a cientificidade da separação entre línguas crioulas e não crioulas. Apesar de não serem blocos monolíticos, há evidentes semelhanças nas análises feitas por cada uma delas. Nota-se entre os excepcionalistas a busca por conjuntos de fenômenos compartilhados pelos chamados crioulos e suas diferenças em relação às demais línguas (McWhorter, 1998; Bakker *et al.*, 2011). Os uniformitaristas, na contramão, afirmam que os pressupostos excepcionalistas foram erigidos sobre teorias racistas e valores colonialistas, em especial do século XIX (DeGraff, 2005; Mufwene, 2008), e que suas análises linguísticas são enviesadas (Fon Sing, 2017). Esta pesquisa dedica-se à análise desse embate no período entre 2001 e 2023, e à comparação científica das correntes protagonistas a partir de duas óticas que acreditamos serem complementares: a da historiografia linguística e a da filosofia da ciência. Em sintonia com a proposta de uma historiografia linguística transatlântica anticolonial de Coelho e Santos (2022), buscamos compreender as complexas relações entre ciência, racismo e colonialismo presentes nas discussões da criolística moderna e questionar em que medida as ferramentas já bem estabelecidas na historiografia linguística (como o modelo de camadas de Swiggers (2020)) podem dar conta dessa tarefa. Apesar de ainda estarmos na fase inicial da pesquisa, nossas primeiras análises do objeto apontam para a necessidade de uma maior sintonização entre tais ferramentas e os acúmulos da filosofia da ciência sobre os entrelaçamentos de valores cognitivos, valores sociais e cientificidade (Douglas, 2013; Cupani, 2021; Reis, 2021).

Palavras-chave: historiografia linguística; filosofia da ciência; estudos anticoloniais; excepcionalismo; uniformitarismo.

BASES EM SISTEMAS NUMERAIS: DECOMPOSIÇÃO E RECOMPOSIÇÃO

Pesquisador(a): Fernando Valls Yoshida

Orientação: Ana Paula Scher

A pesquisa representada neste trabalho tem por objetivo determinar o estatuto das bases em sistemas numerais, o que contempla, em particular, caracterizar as bases do sistema numeral do português brasileiro (doravante, PB). Bases são comumente empregadas na descrição e análise de sistemas numerais, e estão correlacionadas a uma série de fenômenos linguísticos – *e.g.*, *milhões de pessoas vs. *setes de pessoas* – e matemáticos – *e.g.*, *oitenta e nove* [9 sendo unidade] *vs. *oitenta e onze* [11 = 10 + 1 não sendo unidade]. Crucialmente, não há consenso sobre a natureza ou linguística (cf. Rothstein, 2013; i.a.) ou extralinguística (cf. Ionin; Matushansky, 2018; i.a.) das bases e propriedades que determinam. Nesse sentido, o trabalho desta pesquisa consiste em (i) decompor o conceito de base a partir de uma revisão de literatura voltada à categorização de propriedades morfológicas, sintáticas, semânticas e matemáticas associadas a esse conceito, para então (ii) recompor as bases do sistema numeral do PB e avaliar suas contribuições empíricas ao debate em curso. Um resultado preliminar é a proposta de que o conceito de base é decomponível minimamente em (a) processos de formação de numerais (*e.g.*, a sufixação por *-enta*) e (b) restrições combinatoriais em expressões numerais complexas (*e.g.*, *x-enta e y*, com $y = um, \dots, nove$). Dados de mais de 40 línguas, organizados em um catálogo, embasam a proposta de autonomia entre (a) e (b): os mesmos expedientes podem determinar restrições combinatoriais distintas (cf. *-nwu* em *kutenai*) e as mesmas restrições combinatoriais podem se realizar por diferentes expedientes (cf. a variação de transparência entre as dezenas dos sistemas nativo-coreano, russo e japonês). Implicações preliminares ao estudo do PB sugerem, de um lado, a categorização do sistema cardinal como um sistema híbrido de base-10/1.000, e, de outro, a autonomia formal entre os formativos *dez* e *-enta*. (Apoio: FAPESP, processo #2023/17997-0).

Palavras-chave: morfologia; bases; numerais.

COMO COMPARAR FALA COM ASSOVIIO: UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE PARA LÍNGUAS ASSOVIADAS

Pesquisador(a): Gabriel da Cunha Marques Brasileiro

Orientação: Beatriz Raposo de Medeiros

É entendido que línguas assoviadas não são, de fato, línguas e sim versões ou modos distintos de sua contraparte falada (Meyer, 2015; Busnel; Classe, 1976). Esta relação fala-assovio se dá de duas maneiras: no caso das línguas não tonais, a frequência fundamental (f_0) do assoviado segue a forma geral trajetória do segundo formante (F2) do falado; no caso das línguas tonais, a curva frequência fundamental de ambas versões da língua são semelhantes em forma, mas distintas em faixa de frequência. Para este trabalho, foi desenvolvida uma metodologia de análise para extrair e comparar as trajetórias de formantes e frequência fundamental de amostras de fala e assovio coletadas online. A coleta de dados foi feita através da internet e de um levantamento de línguas assoviadas para as quais houvesse registro em vídeo e/ou áudio. Para segmentação dos dados sonoros e extração de parâmetros acústicos (F1, F2, f_0) utilizou-se o *software* Praat (Boersma; Weenink, 2024). Tais parâmetros oferecem trajetórias que, como veremos, podem ser comparadas. O resultado da comparação obtida permite-nos observar as semelhanças entre os aspectos acústicos do assovio e da fala. Nas amostras coletadas do espanhol assoviado das Ilhas Canárias (Silbo Gomero) e do Turco assoviado de Küşköy, ambas línguas não-tonais, foi observada a relação entre f_0 do assovio e F2 do falado; nas amostras de Chinanteco assoviado de Sochiapam, uma língua tonal, vimos grandes semelhanças entre o f_0 do falado e do assoviado. A metodologia empregada mostrou-se produtiva para examinar línguas assoviadas e pode ser facilmente replicada no futuro para outras línguas e condições de coleta.

Palavras-chave: língua assoviada; fonética acústica; Chinanteco; Turco; Silbo Gomero.

CRIANDO IDEOFONES EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Pesquisador(a): Gabriella Souza Oliveira

Orientação: Esmeralda Vailati Negrão

Recentemente, tem havido um aumento considerável de investigações sobre iconicidade, a semelhança entre forma e sentido, em linguística e nas ciências cognitivas. Esses estudos questionam a arbitrariedade como a única natureza do signo linguístico e vêm mostrando que a iconicidade também é uma parte fundamental da nossa habilidade, como seres humanos, não apenas de comunicar, mas de criar, desenvolver e usar língua (Perniss *et al.*, 2010; Flaksman, 2017; Dingemanse, 2019, entre outros). Na modalidade oralizada, o foco desta investigação, iconicidade pode ser veiculada em palavras simbólicas sonoras já lexicalizadas na língua, como em ideofones e onomatopeias (ou ainda, ideofones onomatopeicos), como também em novas criações espontâneas, não convencionalizadas, produzidas na interação e que apresentam um comportamento bastante semelhante ao que é reconhecido interlinguisticamente como ideofones. Um ideofone pode ser identificado como “membro de uma classe lexical aberta de palavras que fazem a depicção de imagens sensoriais” (Dingemanse, 2019, p. 16), sendo capaz de veicular qualquer experiência sensorial, seja ela um som, uma imagem ou um sentimento (Ćwiek, 2022, p. 95). Os objetivos desta apresentação são dois: (i) aproximar a discussão do fenômeno no português falado no Brasil (PB), e (ii) ilustrar a emergência de novas criações semelhantes a ideofones no PB durante conversas espontâneas. Para tanto, está sendo montado um *corpus* com vídeos de fala corrente, previamente gravados e organizados pelo Museu da Pessoa, um museu *online* em que as pessoas podem contar suas histórias pessoais espontaneamente. Os vídeos estão sendo selecionados e posteriormente transcritos usando o *software* ELAN. A criação de um novo ideofone em uma interação espontânea pode ser observada na fala a seguir: “quando fui lá, *blef*, caí lá dentro do buraco,” em que a falante conta uma história da sua infância quando, ao tentar subir na árvore para pegar um galho, *blef*, cai em um buraco logo abaixo. Como é possível notar, essa nova expressão simbólica sonora está sendo usada pela falante com o intuito de fornecer uma interpretação performativa e depictiva (ela *mostra*, mais do que apenas *conta*) da cena, capturando o exato momento da queda de uma maneira vívida. Nesse

sentido, a interlocutora não está apenas descrevendo o evento, com o verbo lexicalizado *cair*, mas também está convidando o interactante a experienciar e vivenciar a queda, *blef*, de modo semelhante ao que palavras lexicalizadas icônicas, simbólicas sonoras, ou ainda, ideofones, fazem em outras línguas (Dingemanse, 2019). Esta pesquisa traz uma perspectiva inovadora sobre a natureza dos signos linguísticos que por muito tempo foi relegada às margens da tradição linguística (Ameka, 2020), podendo contribuir com novos *insights* não apenas para estudos sobre iconicidade oralizada, mas, fundamentalmente, sobre o que constitui as línguas humanas em geral.

Palavras-chave: iconicidade; simbolismo sonoro; ideofones; português brasileiro.

A AQUISIÇÃO E A PRODUÇÃO DE PIED-PIPING EM PERGUNTAS-QU E EM ORAÇÕES RELATIVAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pesquisador(a): Gabrielli de Lima Gomes

Orientação: Elaine Bicudo Grolla

Esse estudo investiga a aquisição e a produção de *pied-piping* em perguntas-QU e em orações relativas em português brasileiro. *Pied-piping* é um fenômeno sintático em que um elemento-QU move-se para a periferia esquerda da sentença e traz consigo uma preposição. Como exemplos desse fenômeno, temos as seguintes sentenças: “De quem você gosta?” e “Eu gosto do menino de quem o Pedro falou.” Gomes (2022) analisou dados espontâneos longitudinais de uma criança, L., e verificou que a primeira produção desse fenômeno em perguntas-QU ocorreu aos 2;07;08 de idade. Além disso, há uma maior produção de *pied-piping* do que de cortadoras tanto na fala infantil quanto na fala dos adultos que interagiram com essa criança. No entanto, dados experimentais (Rangel, 2016) mostraram que crianças de 4;0 a 6;11 de idade não conseguiram produzir *pied-piping* em orações relativas, recorrendo a estratégias de esquiva, como cortadoras, resumptivas, uso de outro verbo etc. Os dados experimentais de Kenedy (2007) sugerem que falantes adultos têm dificuldade em julgar a gramaticalidade de uma oração relativa *pied-piping* , no entanto, eles não apresentaram essa dificuldade quando tiveram de julgar a gramaticalidade de orações relativas cortadoras. O autor defende que *pied-piping* é antinatural nessa estrutura e só pode ser adquirido por meio da escolarização e/ou outras formas de letramento. A fim de obter mais dados sobre esse fenômeno, pretende-se aplicar dois testes linguísticos: uma tarefa de produção eliciada e uma tarefa de imitação eliciada. Por meio do primeiro teste, poderemos verificar quais estratégias os falantes utilizam quando têm de produzir as estruturas-alvo de nosso estudo. Por meio do segundo teste, verificaremos se os falantes conseguem reproduzir as estruturas-alvo. Esse teste não é uma tarefa passiva, pois é necessário que o falante processe o que ouviu, atribua uma interpretação e repita. Nessa repetição, é possível que ele omita e/ou recorra a outras estruturas linguísticas. Serão testadas 60 pessoas, sendo 20 de cada faixa etária: 4;0 a 4;6, 5;6 a 6;0 e adultos. Ao final da coleta, os dados serão transcritos e analisados.

Em nossa análise, iremos procurar por similaridades e diferenças nas produções infantis e adultas, além de comparar com dados de outras línguas.

Palavras-chave: *pied-piping*, perguntas-QU; orações relativas; aquisição da linguagem.

FEMALE GAZE: REFLEXÕES SEMIÓTICAS SOBRE A ESTÉTICA DO CONTRA-CINEMA FEMINISTA

Pesquisador(a): Gizelia Mendes Saliby

Orientação: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

O estudo acerca da representação da mulher no cinema teve seu início na década de 1970, a partir da evolução do movimento feminista de segunda onda. A publicação de “Visual pleasure and narrative cinema,” em 1975, pela crítica de cinema e cineasta Laura Mulvey, inaugurou a crítica feminista no cinema, possibilitando uma abertura de diálogo. Amparada inicialmente pela psicanálise, a crítica feminista buscava um paralelo entre as ideias de Freud e Lacan para explorar conceitos sobre a construção do olhar masculino, enquanto um olhar fetichista e voyeurista, sustentados por uma indústria cinematográfica que teve em sua origem a figura masculina como centro, tanto no acesso à produção quanto no controle da narrativa. Com efeito, o modelo narrativo padrão das obras cinematográficas, fomentado por Hollywood, é aquele moldado pelo ponto de vista masculino, que utiliza a figura feminina enquanto uma imagem a ser consumida. Tais narrativas pensadas sob o viés do male gaze enquadram a mulher em estereótipos, ou tropos, como a virgem, a *femme fatale*, a vamp, a donzela em perigo etc. A proposta feminista de resposta a esse cinema dominante é a criação de um contra-cinema, que rompa com a estética formal do cinema Hollywoodiano, e se coloca enquanto um cinema de resistência. Nossa proposta é a análise dessa estética cinematográfica, e visamos analisar como as cineastas do movimento do contra-cinema se apropriam da linguagem cinematográfica para criar uma nova forma de representação da figura feminina que rejeita os estereótipos objetificantes da estética dominante. Dessa forma, nosso estudo está pautado não apenas nas temáticas e no uso dos tropos e simbolismo presentes nos filmes, mas também na apropriação da própria linguagem cinematográfica utilizada como instrumento de retomada de voz pelas mulheres, quando estas deixam de ser o tema, o enunciado, e passam a ser enunciadoras.

Palavras-chave: cinema; contra cinema feminista; cinema de mulheres.

ESTABELECENDO DIFERENCIAÇÕES: PERFORMANCES ESTILÍSTICAS DE JOVENS DA ELITE PAULISTANA E SUAS NOÇÕES DE PAULISTANIDADE

Pesquisador(a): Isabel Pie de Lima e Souza

Orientação: Ronald Beline Mendes

Esta pesquisa de doutorado analisa estilos sociolinguísticos de três estudantes de uma faculdade de elite da cidade de São Paulo, em vídeos de curta duração na plataforma TikTok. Parte do interesse de tal pesquisa está nos comentários metalinguísticos que tais vídeos têm gerado, nos quais a fala desses jovens é descrita como um “jeito de falar da elite paulistana.” Considerando estilos como sistemas de distinção, de natureza ideológica, que articulam objetivos relacionais e identitários (Coupland, 2001) e que combinam múltiplos elementos linguísticos e seus significados sociais (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021), parte-se dos significados sociais das performances sociolinguísticas desses três jovens na direção dos elementos linguísticos de que lançam mão estrategicamente para atingir seus objetivos (por exemplo: veicular noções de sofisticação e urbanidade). Em outras palavras, um dos interesses analíticos centrais é verificar como os três jovens manipulam tais elementos com vistas a construir estilos cuja significação social hipoteticamente se associa a noções de classe, sofisticação, urbanidade e paulistanidade. Essas noções podem ser, nas práticas sociolinguísticas, ora convergentes, ora divergentes. Em um processo de recursividade fractal (Irvine; Gal, 2000; Zhang, 2021), diferenciações de natureza social e geográfica (elite vs. outras classes, centro vs. periferia paulistana) são projetadas ao nível do estilo sociolinguístico, em um movimento ideológico que por vezes apaga significados sociais que não são coerentes para essas diferenciações. Esse processo é analisado na fala de uma jovem e de um jovem mencionados, nas redes sociais, como “os maiores exemplos” de falantes da “elite paulistana,” que mantêm atitudes favoráveis em relação aos estereótipos ligados a esse construto social, bem como na fala de uma terceira jovem que, apesar de estudar na mesma faculdade, nega tais estereótipos e afirma que sua fala e estilo de vida diferem daqueles da maioria de seus colegas.

Palavras-chave: estilo; significado social; São Paulo.

A EXPRESSÃO DA MODALIDADE EPISTÊMICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PARA ALÉM DOS VERBOS MODAIS

Pesquisador(a): Isabella Flud Pacheco

Orientação: Marcelo Barra Ferreira

A presente pesquisa foca no estudo da modalidade no português brasileiro. Essa categoria semântica, de modo geral, relaciona-se com noções de possibilidade, probabilidade e necessidade. Essas noções modais podem estar baseadas em diversos aspectos da realidade, refletindo diferentes facetas do conhecimento e das intenções de um falante. Por exemplo, a modalidade pode ser ancorada em evidências que um falante possui, em desejos pessoais, em metas e objetivos que se almejam alcançar, ou até nas leis e regulamentos estabelecidos em um determinado contexto social ou jurídico. O foco, neste projeto, é a modalidade epistêmica, sustentada pelo conhecimento de mundo e o que é considerado verdadeiro, portanto, exprime o significado através de evidências e informações disponíveis no momento de fala para o falante. No português brasileiro (PB), existem auxiliares modais, como *poder*, *dever* e *ter que*, que desempenham papéis importantes na construção de sentidos. Exemplos desses usos são: (i) Pode chover hoje; (ii) Deve chover hoje; (iii) Tem que chover hoje. Além desses verbos modais, há uma diversidade de construções que expressam a modalidade epistêmica, adicionando mais variedade dentro dessa categoria. O objetivo desta pesquisa é investigar essas expressões de modalidade que vão além dos verbos modais mais comuns, isto é, intitulados como canônicos neste trabalho. Para isso, foram selecionadas as seguintes expressões: *é capaz de*, *é p(a)ra* e *parece que*. Estas expressões foram escolhidas por sua capacidade de transmitir o sabor modal epistêmico ao serem aplicadas às mesmas sentenças: (iv) É capaz de chover hoje; (v) É para chover hoje; (vi) Parece que vai chover hoje. Este estudo pretende avaliar tanto a compatibilidade dessas expressões com diferentes tipos de inferência — indutiva, abdutiva e dedutiva — quanto examinar a intensidade da força modal que elas expressam em cada contexto específico. Com base nessas questões, minha pesquisa visa não apenas contribuir para a descrição semântica

do próprio PB, mas também compreender melhor como essas construções modais funcionam.

Palavras-chave: semântica formal; modalidade; modal epistêmico.

HISTÓRIA DA RECEPÇÃO DA ABORDAGEM DE FERDINAND DE SAUSSURE NA PESQUISA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA (SÉCULOS XX E XXI)

Pesquisador(a): Ítalo de Freitas Almeida

Orientação: Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Atualmente, temos assistido a uma revitalização de estudos teóricos e historiográficos em torno da fortuna saussuriana, no Brasil (Faria; Cruz, 2019) e também no exterior (Rastier, 2016). Neste contexto de retomada de interesse, Puech (2016) esquematiza momentos ou fases históricas principais que caracterizam a recepção da obra de Ferdinand de Saussure, no continente europeu, ao longo dos séculos XX e XXI. Assim, os modelos, teorias e práticas de descrição das línguas e da linguagem formuladas pelos cientistas europeus mantêm distintas relações com a abordagem de linguística geral saussuriana, sejam elas “por filiação assumida, formação ou reação” (Bernard; Fournier; Puech, 2017, p. 31). Transferida essa consideração para o campo da Historiografia Linguística brasileira, duas interpretações podem ser particularmente encontradas para o tema da recepção saussuriana. De um lado, a historiográfica, que delineia três ‘momentos’ receptivos da obra saussuriana como resultado de embates entre gerações de *scholars* brasileiros, assim como pelos diálogos estabelecidos com cientistas europeus e norte-americanos (Altman, 2021). Do outro lado, a perspectiva epistemológica, que situa a primeira recepção com a tradução do *Curso de linguística geral* (1970) e o segundo momento receptivo se inicia com a recuperação do pensamento de Saussure após a divulgação de textos manuscritos editados e publicados no livro *Escritos de linguística geral* (2004) (Flores, 2017). Diante dessas posições divergentes, esta pesquisa tem como tarefa principal a descrição e explicação dos processos históricos de recepção da abordagem de Saussure na pesquisa linguística brasileira nos séculos XX e XXI. Em vista da documentação a ser analisada, essa pesquisa documental (Swiggers, 1998), de natureza qualitativa (Chizzotti, 2014), articula os princípios teóricos e as diretrizes metodológicas da Historiografia da Linguística (Koerner, 2014; Swiggers, 2013) e gira em torno da seguinte questão: como se organizam os momentos de recepção da abordagem de Saussure na pesquisa linguística brasileira nos séculos XX e XXI? Neste estágio preliminar, estão cobertos os procedimentos heurísticos de levantamento e mapeamento de informações internas e externas nas fontes históricas

para construção de uma periodização de trabalho e organização de fontes que viabilize a busca de informações históricas sobre o fenômeno em evidência (Coelho; Nóbrega; Alves, 2021).

Palavras-chave: recepção; Ferdinand de Saussure; Historiografia Linguística; pesquisa linguística brasileira.

AS SENTENÇAS COMPLEXAS NO KIPEÁ

Pesquisador(a): Jéssica Natália Souza Cardoso

Orientação: Thomas Daniel Finbow

Os estudos sobre línguas indígenas brasileiras têm se proliferado. Com isto em mente, o presente trabalho pretende uma contribuição na área. O Kipeá foi uma língua falada no nordeste, e hoje está em processo de vitalização, isto é, o povo indígena Kipeá procura retomar a sua língua. Integra a família Karirí, juntamente com o Dzubukuá, Pedra Branca e Sabujá. O catecismo (1698) e a gramática (1699) de Mamiani que registram a língua foram preservados, da onde se extraiu o *corpus* para análise da língua, pois a classificação de Mamiani, por se basear no modelo greco-latino apresenta incongruências, pois o autor se baseou na semântica latina, o que se nota através da tradução em português que não se encaixa com o texto em Kipeá. Além disso, sua metalinguagem é confusa, o que dificulta ainda mais o entendimento do texto. Assim, estuda-se as sentenças complexas no Kipeá. Este trabalho foi desenvolvido na disciplina “Sintaxe e semântica de sentenças complexas: desafios a teorias formais e à tipologia,” aqui classificadas em sentenças complexas de relações de complemento, que ligam duas situações, em que a principal implica a dependente, a que se refere; e relações relativas, que envolvem duas situações, em que a dependente especifica algo sobre a principal. Sua contribuição para a dissertação é discorrer sobre as sentenças complexas, pois dos poucos trabalhos publicados sobre a língua, nenhum é a respeito de sentenças complexas. Para isto, a fundamentação teórica é o estruturalismo clássico, pois como não há falantes, não é possível fazer testes de gramaticalidade (Saussure, 2006; Bloomfield, 1973; Sapir, 1971; Harris, 1963). Assim, se compara o Kipeá com o Dzubukuá, sua língua-irmã, descrita por Queiroz (2012), em busca de semelhanças e diferenças, para ajudar na descrição atualizada que se propôs a fazer da língua. Não se utiliza o Pedra Branca e o Sabujá por apenas uma lista de palavras de cada uma ter sobrevivido ao teste do tempo. A pesquisa é sincrônica, pois os registros datam de uma única época; e documental, pois o *corpus* advém de documentos escritos a respeito da língua. Deste modo, estuda-se o Kipeá como uma contribuição para a linguística, de uma forma geral,

e para os indígenas Kirirí, de uma forma específica, para ajudá-los na retomada de sua língua.

Palavras-chave: Kipeá; sentenças complexas; estruturalismo; análise; descrição.

DA COLÔMBIA AO BRASIL: ANÁLISE SEMIÓTICA DE HISTÓRIAS ORAIS DE MIGRANTES COLOMBIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Pesquisador(a): José Manuel Pérez Adárraga

Orientação: Renata Ciampone Mancini

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre o fenômeno da migração de colombianos para o Brasil, especificamente para a cidade de São Paulo. A investigação visa analisar as histórias de vida de migrantes colombianos sobre sua experiência migratória no espaço paulistano e pretende responder aos seguintes questionamentos: i) Qual é o *éthos* do enunciador migrante colombiano a respeito da migração para o Brasil? ii) De que maneira os relatos das experiências de migrantes colombianos influenciam a construção de imagens sobre o Brasil? E, enfim, iii) Quais são os pontos de encontro e de desencontro das histórias dos migrantes colombianos na cidade de São Paulo? Este trabalho assume a **história oral** (Alberti, 2005; Freitas, 2006; Delgado, 2006; Meihy, 2015) para a constituição do seu *corpus*, conformado pelos relatos orais de seis migrantes colombianos que moram na cidade de São Paulo. Optou-se pela **entrevista de história oral com abordagem autobiográfica**, que se interessa por um recorte da vida dos entrevistados, a saber, sua experiência migratória na capital paulista. Para a análise do objeto desta pesquisa, será utilizada a **semiótica discursiva**, incluindo alguns desdobramentos recentes deste campo de estudo, tais como a **abordagem tensiva** (Zilberberg, 2011), a **semiótica das práticas** e, especificamente, as discussões em torno da noção de *formas de vida* (Fontanille, 2008^a, 2008B, 2014, 2015). Atualmente, a pesquisa encontra-se na fase de constituição do *corpus* de análise. Para tal, as entrevistas estão sendo realizadas e uma primeira triagem dos elementos a serem considerados na análise está sendo feita. De um modo antecipado, este exercício tem suscitado algumas discussões e reflexões sobre como os sujeitos migrantes colombianos figurativizam e tematizam (Greimas; Courtés, 2008; Barros, 2002, 2005, 2021; Fiorin, 2018, 2022) nos seus relatos de história de vida a *brasilidade* e a *colombianidade*. Este modo de discursivizar dará subsídio para que se inicie uma descrição da *forma de vida migrante*, que será posteriormente adensada com algumas considerações sobre as paixões que envolvem o sujeito-migrante colombiano, assim

como questões da aspectualidade: *sujeito perfectivo ou imperfectivo?* Todas estas discussões e reflexões estão em desenvolvimento.

Palavras-chave: análise semiótica; história oral; migrantes colombianos.

RESULTADOS PRELIMINARES SOBRE O EMPREGO VARIÁVEL DE ARTIGO DEFINIDO NA FALA PESSOENSE

Pesquisador(a): José Vagner da Silva

Orientação: Ronald Beline Mendes

Este trabalho descreve o emprego variável de artigo definido na fala pessoense em (i) sintagmas nominais com possessivo (“O/Ø meu trabalho é sobre isso”) e (ii) diante de nomes próprios (“A/Ø Isabela é uma grande amiga”). Anteriormente, casos como esses já foram estudados em outras variedades (Amaral, 2003; Callou; Silva, 1997; Gomes; Cordeiro, 2021; Guedes, 2019, entre outros), mas, diferentemente, aqui se comparam análises em tempo aparente e em tempo real, com dados extraídos de duas amostras do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), coletadas em 1993 (60 entrevistas) e em 2018 (36 entrevistas). Além das variáveis sociais que estratificam essas amostras (sexo, escolaridade e faixa etária dos falantes) e do ano em que foram coletadas, a análise qualitativa dos dados extraídos de 12 entrevistas de cada uma delas levou à proposta das seguintes variáveis linguísticas, como hipoteticamente preditoras da produção da variável em foco: tipo de sintagma (nominal ou preposicional); presença ou ausência de pronome possessivo; quando o sintagma é preposicionado, a preposição que o integra (de, com, para, por, a etc.); e o possessivo, nos casos em que os sintagmas são formados por ele. Para 1993, extraiu-se um total de 1000 ocorrências da variável dependente, das quais 591 dispensam o artigo e 409 o mantêm. Para 2018, extraiu-se um total de 1374 dados, dos quais 878 dispensam o artigo e 496 o mantêm. Em ambas as amostras, verificou-se uma tendência ao não emprego do artigo definido, mas constatou-se que o emprego da variante com artigo foi condicionado pelas variáveis tipo de sintagma e escolaridade em 1993 e pela variável tipo de sintagma em 2018. Em outras palavras, sintagmas preposicionais (65%) e escolaridade alta (50,3%) favoreceram o emprego de artigo definido em 1993, enquanto em 2018 se observa correlação apenas com a natureza do sintagma (60,8% de casos com artigo nos preposicionais). De modo geral, os resultados obtidos até o momento não apresentam indícios de mudança em tempo real (de 1993 para 2018), nem de mudança em tempo aparente (em cada uma das amostras). Em conjunto, revelam que há uma mudança nos padrões que constituem a regra variável do fenômeno

em foco ao longo do tempo na comunidade pessoense, uma vez que variáveis que se correlacionam ao emprego do artigo em 1993 não permanecem as mesmas em 2018.

Palavras-chave: artigo definido; João Pessoa; Paraíba.

A FIGURATIVIDADE MELANCÓLICA NOS DIÁRIOS DE TORQUATO NETO

Pesquisador(a): Joyce do Nascimento Lopes

Orientação: Waldir Bevidas

Torquato Neto foi uma figura emblemática do movimento Tropicalista. Acometido por severas crises melancólico-depressivas, o poeta, compositor e jornalista piauiense suicidou-se aos 28 anos de idade, em novembro de 1972. Nosso trabalho visa a analisar diários do poeta a fim de verificar como o discurso do enunciador-narrador caracteriza figurativa e tematicamente a melancolia. O *corpus* de análise foi composto a partir da coletânea *Torquato Neto: essencial* (2017), detendo-nos na seção intitulada “escrita de si”, que contém os itens “esparços” e “1970: diário da internação”. A análise centra-se na perspectiva dos estudos passionais da Semiótica Francesa. Em nossa metodologia, empregaremos os conceitos de figuras, temas e isotopia, propostos por Greimas. Estabelecendo uma interface com a psicanálise, recorreremos ao conceito de melancolia, proposto por Freud em *Luto e melancolia* (2010). Segundo a caracterização freudiana, há, no melancólico, uma notável indiferença ao mundo exterior, com inibição de toda atividade; apresenta um forte desrespeito por si mesmo, que Freud reconhece como uma inequívoca diminuição da autoestima. O processo analítico permitiu-nos encontrar figuras com traços sêmicos referentes ao desânimo, à apatia e ao abatimento, que indicam a baixa vitalidade. Os temas relativos ao desencanto, à falta de sentido na existência e à baixa autoestima completam essa caracterização, evidenciando o principal traço desse estado de alma no discurso do enunciador-narrador: o desapego pela vida.

Palavras-chave: semiótica; melancolia; figuratividade, discurso.

NASALIZAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS DE NASALIZAÇÃO DE VOGAIS

Pesquisador(a): Júlia Lessa dos Santos

Orientação: Raquel Santana Santos

A fonologia atual reconhece sete vogais orais, das quais cinco sofrem nasalização (cf. Perini 1971, Câmara Jr 1970, Cagliari 1977). Seara et al. (2019) classificam os encontros silábicos em (1) tautossilábicos, em que vogais e consoantes nasais coexistem na mesma sílaba, e (2) heterossilábicos, em que estão em sílabas distintas. No primeiro caso, a nasalização é obrigatória, independentemente da tonicidade; no segundo, é obrigatória apenas em sílabas tônicas e opcional em átonas. A assimilação da nasalização é regressiva, influenciada pela consoante seguinte, como em Campo → Cam.po [ˈkã.pu] e Cama → [ˈkã.ma]. Para a formação do *corpus*, foram selecionadas 600 palavras e frases, distribuídas entre as seguintes categorias: Nasais tautossilábicas seguidas de consoantes em posição tônica; Nasais tautossilábicas seguidas de consoantes em posição átona; Nasais Heterossilábicas, sílaba alvo em posição átona; Nasais Heterossilábicas, sílaba alvo em posição tônica; Nasais em posição de final de palavra; Prosódia: Nasais dentro de palavras; Prosódia: Nasais entre palavras; Morfologia: prefixos terminados em nasais seguidos de radicais iniciados por vogais; Morfologia: prefixos terminados em nasais seguidos de radicais iniciados por consoantes; Morfologia: prefixos terminados por vogais seguidos de radicais iniciados por nasais. A apresentação desta pesquisa pretende demonstrar os diferentes contextos e processos de nasalização da produção das vogais nasais. Queremos observar os contextos que envolvem: (i.) a produção das vogais dependendo se a nasal vem na mesma sílaba ou na sílaba seguinte e (ii) a sequência das nasais estando na mesma palavra (como em camisa), em outra palavra (como em barca marrom), ou entre um prefixo e uma raiz (como em impossível). Nossa pesquisa observou que, em contextos tautossilábicos (como em campo), a nasalização ocorre em 100% dos casos analisados (N=480). Em contextos heterossilábicos (como em cama), encontramos apenas 29% de nasalização (N=173). Quando analisamos a tonicidade, percebemos que 100% dos casos com vogal [a] tônica são nasalizados, enquanto outras vogais, tônicas e átonas, apresentam uma média de 20% de nasalização. Comparando casos de nasalização entre palavras, como em ajuda

náutica, não encontramos nenhum caso de nasalização, sugerindo que o domínio prosódico da nasalização é a palavra fonológica. Também analisamos a nasalização em prefixos e notamos que eles tendem a ser nasalizados quando a consoante nasal faz parte do prefixo (ex.: intransitivo), mas não quando a consoante nasal está no radical (ex.: renascer).

Palavras-chave: prefixo; assimilação; nasalização.

A POSSÍVEL ECOLOGIA SEMIÓTICA DAS PINTURAS RUPESTRES DA REGIÃO DA SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ

Pesquisador(a): Julia Scheunemann Whitaker

Orientação: Evani de Carvalho Viotti

A pesquisa em andamento aqui apresentada investiga como a ecologia semiótica envolvendo as pinturas rupestres da região da Serra da Capivara, no sudeste do Piauí, pode ter emergido ao longo de milhares de anos, a partir do enquadramento epistemológico da Semiótica das Interações (Silva; Viotti 2023; McCleary; Viotti 2017, 2015). O trabalho vale-se da noção de *ação co-operativa* (Goodwin 2018), definida como o reuso, com transformação, de materiais disponibilizados por outros na criação de novas ações, com o objetivo de levantar hipóteses acerca das possíveis interações semióticas que levaram à criação das pinturas. Diferentemente de uma longa tradição teórica sobre o significado, para esse tratamento, o processo de emergência de significados, ou a semiose, é concebido como uma ação no mundo, distribuído em uma diversidade de materiais, de participantes, do ambiente e de escalas de tempo. Lançando luz à natureza corporeada, distribuída e pública das ações semióticas, o trabalho busca descrever, então, como diferentes materiais e recursos semióticos podem ter sido reusados por pessoas distantes umas das outras tanto no espaço como no tempo, constituindo uma rede de ações co-operativas coordenadas através de milênios, em torno da realização das pinturas rupestres na região estudada. Como parte da metodologia, a pesquisa vale-se de um trabalho de campo já realizado, bem como de um corpo extenso de estudos interdisciplinares, sobretudo arqueológicos e antropológicos. Assentada sobre esse conjunto interdisciplinar de estudos e discussões, o trabalho sugere que as pinturas são, antes, *frutos* da comunicação — em contraste a ideia dos signos como meios ou veículos para a comunicação —, sustentando, por fim, uma concepção da semiose como forma de vida (Silva; Viotti 2023).

Palavras-chave: semiose; semiótica das interações; ação co-operativa; pintura rupestre; intercorporeidade.

TRANSFERÊNCIAS DE TRAÇOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS: O SOTAQUE FRANCÊS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pesquisador(a): Juliana Barbosa

Orientação: Raquel Santana Santos

A aquisição de um sistema sonoro pode ser entendida como a construção de uma Hierarquia de Traços Contrastivos (HTC – DRESHER 2003; 2009), que se constitui por aspectos (i.e., conjunto de segmentos, regras e combinações) específicos da(s) língua(s) do ambiente em que a criança está imersa em seus primeiros anos de vida. Uma vez que a HTC é consolidada para determinada língua, questionamos se é possível que as representações fonêmicas pré-estabelecidas para a Língua Materna (LM) podem ser reestruturadas para aquisição de um inventário sonoro distinto, para a aquisição de uma Língua Estrangeira (LE). Em nossa pesquisa, buscamos identificar a aquisição de segmentos e regras do Português Brasileiro (PB) por falantes nativos de Francês (FR), experientes em PB como LE. Focalizamos dois aspectos segmentais: o ditongo nasal [ãw] e o tepe [r] (rótico contrastivo em posição intervocálica - <caro> vs. <carro>- e em *onset* complexo - <pato> vs. <prato>), e um aspecto suprasegmental, a violação (ou não) da regra de nasalização regressiva em palavras contendo /a/ seguida de consoante nasal heterossilábica como <madame>, <pano>. Os dados em fase de coleta são provenientes de um experimento que envolve fala espontânea e leitura de uma lista de palavras. Dada a constituição distinta dos conjuntos sonoros tratados neste estudo, a HTC nos permitirá verificar se os falantes de FR reorganizam suas hierarquias e se as representações fonêmicas são aspectos que podem ser considerados universais. Muitas pesquisas buscam explicar o sotaque de brasileiros que aprendem uma LE e, em geral, os resultados apontam para aspectos fonéticos e fonológicos da LM comumente transferidos para a LE. Entretanto, ainda é restrito o volume de investigações que descrevem a aquisição de PB por falantes de outras línguas. Nosso trabalho, portanto, se incorpora ao conjunto de pesquisas sobre o PB adquirido como LE e oferece uma contribuição inovadora, tendo a HCT como fundamentação teórica entre os estudos de aquisição de LE.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Aquisição de Língua Estrangeira; Fonética Acústica; Fonologia.

A ABORDAGEM TENSIVA APLICADA À ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RECITATIVOS BARROCOS

Pesquisador(a): Juliana Damião Gomes Christmann

Orientação: Luiz Tatit

Na construção dos sentidos, nem toda articulação entre expressão e conteúdo é construída sob a mesma ênfase. No texto em prosa há o predomínio do plano do conteúdo sob o plano da expressão. Na poesia, há uma equivalência entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Na música, prevalece o plano da expressão. No entanto, existe uma forma composicional denominada recitativo, que tem como base o ritmo e prosódia naturais da fala. Os recitativos se consolidaram ainda no século XVI, motivados pelos ideais renascentistas de retorno às práticas da Antiguidade Clássica. O gênero passou a ser abraçado e modificado por outros compositores e, chegando ao período barroco, passou a preceder árias, duetos e grupos maiores, sendo destinadas a essas partes os trechos de conteúdo mais poético, ao passo que, aos recitativos, ficam designados os momentos de desenvolvimento da trama. Apesar disso, os trechos em recitativo de óperas e oratórios não costumam receber a mesma atenção e importância, pois é nos outros momentos (árias, duetos e grupos) que as maiores dificuldades técnicas e virtuosismo das performances se concentram. Contudo, é nos recitativos que se apresentam o desenrolar da narrativa, seja através da figura de um narrador ou nas figuras dos próprios atores. Na semiótica tensiva parte-se da afirmação de que o sensível rege o inteligível. Essa formalização do sensível através de uma dinamização de objetos moventes e sensoriais da semiótica pode ir ao encontro dos ideais musicais barrocos de descrição dos afetos através dos diversos signos musicais consolidados nessa época. As tensões constitutivas dos objetos semióticos podem apresentar variação de dominância de elementos, como um jogo de forças. O discurso musical é permeado de efeitos de tensão e relaxamento, picos, altos e baixos. Através de uma pesquisa interdisciplinar, a pesquisa propõe a aplicabilidade das ferramentas da semiótica tensiva desenvolvidas por Claude Zilberberg na análise e interpretação dos recitativos barrocos, partindo da hipótese de que, diferente das demais formas de manifestação da música vocal, os recitativos, por partirem de um ritmo natural da fala e sua prosódia e carregarem elementos mais narrativos do libreto, apresentariam uma maior proximidade entre os planos da expressão e o plano do

conteúdo. O objeto de análise constitui-se dos recitativos do Evangelista no oratório “Matthäus-Passion” BWV 244 (A Paixão Segundo Mateus), compostas por Johan Sebastian Bach (1685-1750). Os recitativos do Evangelista, encarregados de toda a costura narrativa do discurso, serão analisados a partir de seus elementos verbais e musicais. Através da semiótica tensiva e suas ferramentas de gramaticalização dos aspectos sensíveis dos objetos, é possível aprofundar os estudos dos signos musicais como resultado dos afetos gerados pelo texto verbal e reconhecer os elementos que podem causar acelerações ou desacelerações, já que os elementos de retórica musical tendem a ser mais formalizados e cristalizados no período barroco, gerando uma grandeza conotativa de conteúdo.

Palavras-chave: semiótica tensiva, recitativo, retórica musical, música barroca, análise do discurso.

O PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO DE SURDOS NA PERCEÇÃO DE TRADUTORES AUTOMÁTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA A LIBRAS: UM ESTUDO COM RASTREAMENTO OCULAR

Pesquisador(a): Juliane Farah Arnone

Orientação: Felipe Venâncio Barbosa

A tradução automática (TA) do português para Libras pode ser um importante recurso de acessibilidade na interação entre pessoas surdas e ouvintes. Na TA entre línguas orais e línguas de sinais, entretanto, algumas particularidades devem ser levadas em consideração. É comum nos sistemas de TA haver a conversão de um texto da língua fonte para outro texto da língua alvo. No caso da tradução para as línguas de sinais, um texto é utilizado na conversão para a língua de sinais, que se dá geralmente por meio de um avatar animado em 3D. A utilização de textos na TA é um desafio para a tradução de línguas de sinais, pois existem divergências quanto a transcrição das línguas de sinais, que são línguas visuais. Além disso, existem certas características próprias das línguas de sinais que são difíceis de serem traduzidas em texto, como é o caso do uso dos classificadores, da utilização sintático-semântica do espaço de sinalização e de algumas estratégias de referência no discurso. Esses elementos fazem parte da gramática das línguas de sinais e o seu uso inadequado pode interferir no entendimento e interpretação de itens lexicais e de sentenças. O objetivo desta pesquisa é analisar o processamento linguístico dos surdos em relação à tradução automática do português para a Libras que ocorre por meio de aplicativos com avatares. Este é um estudo exploratório-experimental, de caráter quanti-qualitativo, que utilizará um aparelho de rastreador ocular (*eye tracker*). O experimento será realizado com 30 participantes surdos, que assistirão com o rastreador ocular, vídeos de sinalização de 30 sentenças, divididas em três condições diferentes: duas delas serão a sinalização de avatares dos aplicativos de tradução automática HandTalk e VLibras; a terceira condição será a sinalização de um surdo nativo, que servirá de controle e comparação para as outras duas condições. Cada participante assiste dez sinalizações de cada condição, distribuídos de modo que um grupo não assistirá às mesmas sentenças nas mesmas condições que o outro. Após a visualização do vídeo, serão apresentadas quatro imagens simultaneamente. Uma delas representará a sentença-alvo e as outras serão imagens semanticamente semelhantes, porém

distratoras e pediremos para o participante selecionar a imagem que corresponde à sentença observada. Com isso, buscamos avaliar o tempo de reação, a quantidade de acertos e, também, quais os focos de atenção nas imagens por meio do rastreador ocular. A partir desses testes utilizando o rastreador ocular, iremos avaliar o número e a duração de fixações, além das visitas à imagem e da dilatação da pupila. Ao final da coleta de dados, será realizado o cruzamento dos dados do rastreador com as respostas dos participantes da etapa das imagens para que possamos acompanhar e compreender o processo cognitivo durante a recepção da tradução em Libras dos avatares dos aplicativos analisados para entender e propor pontos de melhoria.

Palavras-chave: língua de sinais; Libras; rastreamento ocular; *eyetracking*.

A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS

Pesquisador(a): Kamunjin Tanguete

Orientação: Felipe Venâncio Barbosa

Este trabalho ambienta-se numa intersecção entre Teatro, Pragmática e Prosódia, sendo seu objeto de estudo Atos de Fala (Austin, 1960; Searle, 1962), que são fenômenos importantes para a compreensão de processamentos linguístico-pragmáticos em situações conversacionais, uma vez que eles representam estados psicológicos (Searle, 1983 [2002]) como as crenças, desejos, querer, entre outros estados psicológicos (Searle, 1983). A prosódia é também relevante neste processo, pois ela permite que os interactantes diferenciem um pedido de uma ordem, uma afirmação de uma declaração, uma ordem de um chamamento etc. Pretendemos, nesta pesquisa, verificar como atrizes e atores compreendem atos do tipo súplica, pedido, ordem e ameaça (Searle, 2002) em textos teatrais escritos (em diálogos criados de modo verossímil aos diálogos reais), e como elas e eles os realizam em suas enunciações cênicas. Para tanto, criamos o workshop *A fala do ator: a Pragmática em cena*, cujo objetivo foi o de trabalhar, com esses atuantes, dois momentos de exercícios cênicos: *antes* e *depois* de uma intervenção didática teórico-prática que chamamos de Treinamento Formativo Metacognitivo-pragmático para a Prática Cênica, na intenção de verificar se ocorrerá alguma alteração na produção dos atos de ordem, súplica, pedido e ameaça pelos participantes nesses dois momentos de encenação. Como aporte teórico, usaremos a Teoria dos Atos de Fala (John Searle, 1981, 2002), a Análise da Conversação (Kerbrat-Orecchioni, 2006) e os conceitos de metalinguagem e percepção metalinguística de diversos estudos (Giustina, 2008; Acuña, 2004; Correa Sicuro, 2006). A coleta dos dados do antes e do depois do treinamento foi feita por meio de a gravação dos exercícios realizados durante o workshop. Posteriormente, separamos o material em sentenças onde a presença dos atos ocorreram e, só então, criamos um questionário para o Teste de Percepção respondido por Juízes Neutros (Escala Likert) a fim de verificarmos a ocorrência ou não dos atos aqui estudados. Usaremos, para as análises das marcações prosódicas, a pesquisa desenvolvida por Tommaso Raso e Heliana Mello (UFMG), no C-ORAL Brasil (disponível em <http://www.c-oral-brasil.org/>). Espera-se poder verificar

como esses falantes-atuantes percebem quais elementos prosódicos estão presentes em atos diretivos tanto em diálogos reais quanto nos escritos (Orecchioni, 2006) e como se dá sua produção, principalmente, nos diálogos escritos, em que não há o recurso prosódico para orientar a percepção do falante.

Palavras-chave: prosódia; atos diretivos; percepção; produção; análise conversacional.

“TESTAR POSITIVO” OU “TESTAR NEGATIVO”: UM CASO PANDÊMICO NA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pesquisador(a): Lara Oliveira Vacaro

Orientação: Ana Paula Scher

Este trabalho tem como objetivo principal descrever as propriedades gramaticais subjacentes a construções com *testar positivo/negativo para X* e com os verbos *positivar/negativar para X*. Para isso, busca-se avaliar as propostas já existentes para o tratamento das sentenças com *testar positivo/negativo*, diante das descrições sistematizadas para suas propriedades gramaticais. Tendo como base análises de construções formadas por verbos e adjetivos, esta pesquisa de mestrado visa, ainda, a determinar como os dois tipos de formações supracitadas são gerados pela gramática dos falantes do PB, bem como o que torna possível a variação entre *testar positivo* e *positivar* e *testar negativo* e *negativar*. Nesse sentido, utiliza-se o modelo de gramática proposto pela Morfologia Distribuída, a qual conta com apenas um componente gerativo/computacional – a sintaxe. Em busca de cumprir com os objetivos propostos nesta pesquisa de mestrado, propõe-se que as formações com *testar positivo/negativo* não são construções resultativas como Bagno (2020) analisa e aos moldes das resultativas canônicas da língua inglesa. Assim, investiga-se a possibilidade de essas formações terem predicados pseudo-resultativos ou pseudo-adverbiais, ou, ainda, a possibilidade de serem formações híbridas, que misturam características dos dois tipos mencionados. No estágio atual em que esta pesquisa se encontra, nota-se similaridades e diferenças nas formações analisadas por este trabalho e naquelas analisadas por trabalhos anteriores, como as com predicados pseudo-resultativos e com predicados pseudo-adverbiais, mas não foi possível, ainda, determinar como ocorre a formação das sentenças objeto desta pesquisa. Ao fim desta pesquisa, espera-se, além dos objetivos já mencionados, poder contribuir e estender a análise realizada para outros processos sintáticos do português brasileiro que envolvam verbos e adjetivos.

Palavras-chave: morfossintaxe; Morfologia Distribuída; pseudo-resultativas; pseudo-adverbiais.

ESTUDO MORFOSSINTÁTICOTIPOLOGICO-COMPARATIVO DE PREDICADOS NÃO VERBAIS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI

Pesquisador(a): Larissa da Costa Arrais

Orientação: Luciana Raccanello Storto

O presente trabalho propõe um estudo morfossintático de viés tipológico-comparativo acerca de não verbais nas línguas da família Tupi. Nesta pesquisa, serão analisados dados desses predicados em línguas da sub-família Tupari (Akuntsú, Sakurabiat, Tupari e Wayoro), Arikém (Karitiana), Tupi-Guarani (Tapirapé e Kamaiurá), Juruna (Xipayá e Juruna), Mawe (Sateré-Mawe), Aweti e Mondé (Suruí). Assim, apresentar-se-ão os padrões morfossintáticos dos predicados nominais e atributivos nessas línguas, verificando se há ocorrência de cópulas nessas estruturas e, em caso positivo, especificando-as; além de analisar se a polaridade das sentenças e as questões de tempo, modo e aspecto (TAM) interferem na presença ou ausência desses elementos. Sintaticamente, será averiguado se esses predicados se apresentam como orações não verbais ou verbais, identificando os padrões, as particularidades e similaridades presentes ao compará-los. Predicados não verbais, estruturalmente, apresentam-se como orações verbais ou não verbais cuja informação principal se encontra em um SN, SAdj ou SAdv, por exemplo. Nesse sentido, predicados nominais são aqueles que possuem como núcleo da predicação um nome, podendo ser de dois tipos: os que desempenham a função de identificar algo dentro da predicação – designado como identificação – e os que apresentam como função a categorização (Overall; Vallejos; Gildea, 2018). Predicados atributivos possuem função de atribuição de uma característica ao sujeito e podem ser compreendidos como adjetivais (ou atributivos). Além disso, os predicados não verbais apresentam-se mediante três subtipos de estratégias: (i) sem cópula: o sujeito e o predicado não são ligados por algo, somente apresentam-se justapostos; (ii) com uma cópula não verbal: uma cópula não flexionada; e (iii) com uma cópula verbal: qualquer verbo (Stassen, 1997). A polaridade das sentenças e o tempo verbal são alguns dos parâmetros utilizados para verificar as distinções morfossintáticas presentes nesses predicados não verbais. Como pressupostos teóricos, a pesquisa utiliza Stassen (1997), Payne (1997), Pustet (2003), Dixon (2010) e Overall, Vallejos e Gildea (2018). Serão realizados estudos de cunho teórico com um enfoque

descritivo e tipológico, por meio de uma metodologia descritiva e comparativa, na abordagem da tipologia linguística de Croft (2003). O *corpus* da pesquisa será constituído por dados extraídos de trabalhos linguísticos sobre as línguas Tupi, como as pesquisas de Alves (2004), Aragon (2008, 2014), Arrais e Galucio (2020), Arrais (2021), Borella (2000), Dias (2019), Franceschini (1999), Fargetti (2001), Galucio (2001), Iteor Suruí (2020), Monserrat (1976), Nogueira (2014, 2019a, 2019b), Praça (2007), Rocha (2011), Rodrigues (2006), Sabino (2016), Seki (2000), Singerman (2018^a, 2018^b, 2019), Spoladore (2011, 2017) e Storto (2010).

Palavras-chave: família tupi; tipológico-comparativo; predicados não verbais; predicados nominais e atributivos.

REDES SOCIAIS E A LEITURA ININTERRUPTA: NOVAS PROPOSTAS PARA DIFERENTES TIPOS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Pesquisador(a): Leonardo Reitano

Orientação: Waldir Beividas

A pesquisa propõe discutir uma estrutura de organização para a análise das relações narrativas e discursivas existentes entre diferentes textos que se encontram hospedados dentro do espaço digital de sites, portais e redes sociais. A presente pesquisa também se apresenta como uma continuação de investigação apresentada no X Congresso Latinoamericano de Semiótica. Iniciando por algumas observações sobre dêixis a partir de Charaudeau e Maingueneau (2020), Greimas e Courtés (2013) e Fillmore (1997), e se pautando em questões levantadas por Pinto (2022), Travaglia (2022), Pereira (2021) e Teixeira, Faria e Azevedo (2017), sobre características do modelo greimasiano original para a análise dos objetos digitais, o presente trabalho busca contribuir à discussão com uma proposta de um quarto “pseudonível” de sentido, logo acima do nível discursivo, que trataria dos diferentes tipos de contextualização. Tal “pseudonível” não seria uma novidade teórica ou epistemológica, pois ele seria o espaço onde se cristalizam princípios já conhecidos na semiótica como os arquétipos, os tecnoletos (Galli, 2009) e os contextos socioletais e idioletais (Barros, 1988). Porém, diante da popularização do universo digital – e da popularização de práticas de circulação constante por diversos textos curtos, simultâneos e sequenciais – encontramos a necessidade de um maior burilamento teórico. A partir do ferramental de Aarseth (1997), Cavalcante (2009), Shwartzmann (2018), Reitano (2023), Eco (2000), a presente pesquisa propõe um “pseudonível” de sentido, resultante da navegação ergódica entre os diversos textos-discursos, onde dinâmicas como a “semelhança de família” (Eco, 2000) e a constante reescrita e apropriação textual criam efeitos dêiticos advindos da própria sucessão de textos-discursos lidos. Tais efeitos dêiticos seriam fruto de semelhanças temáticas, estereótipos e socioletos e interfeririam em uma nova camada de sentido na leitura de textos-discursos posteriores – ou mesmo na releitura de textos, funcionando como uma espécie de conector de isotopias.

Palavras-Chave: redes sociais; dêixis; semiótica; digital; texto.

VOCALISES NA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA: TIPOS SILÁBICOS E PADRÃO FORMÂNTICO DE VOGAIS

Pesquisador(a): Leticia De Paula Veloso Silva Vieira

Orientação: Beatriz Raposo de Medeiros

Partindo da ideia de que o vocalise na canção brasileira possui uma sonoridade típica (Nestrovski, 2013; Marana, 2017; Da Silva, 2020), apresentamos, neste Enapol, os resultados de nossa investigação quanto a sua estrutura silábica e padrão formântico de vogais. Vocalises são um tipo de música vocal sem texto, que faz parte da performance de cantores, seja na tradição erudita seja no canto popular (Sadie; Latham, 1994). Analisamos sua composição silábica, em comparação com a fonotaxe da língua, e o padrão formântico das vogais orais, também de modo comparativo com o padrão formântico de vogais da língua. A fonotaxe diz respeito às regras de combinação dos elementos dentro da sílaba (Souza; Demolin, s.d.; Cristófaros-Silva, 2021); o padrão formântico são os valores de frequências de ressonância das vogais e as distâncias entre eles, sendo os três primeiros, F1, F2 e F3, suficientes para sua identificação (Kent; Read, 2015). Elaboramos um experimento com três tarefas que permitissem coletar dados de fala e de vocalises improvisados e não improvisados dos mesmos sujeitos. A partir dos dados coletados realizamos dois estudos. O primeiro, levantamento e descrição dos tipos silábicos, contou com 318 sílabas de vocalises improvisados e 238 sílabas de vocalises não improvisados, distribuídas entre os tipos CV, V, CVsV, VsV, sVV. O tipo mais frequente foi o CV, com preferência por consoantes coronais com ponto de articulação alveolar e as sílabas que mais ocorreram foram [ra] e [re]. O segundo estudo foi a respeito do padrão formântico de vogais orais em vocalises. A análise descritiva e a comparação de médias de F1 e F2 entre fala e canto mostraram uma preferência pelas vogais [a], [e], [i] e [u], um espalhamento das vogais nos gráficos F1 x F2 e uma deformação do padrão formântico das vogais que aparecem nos vocalises.

Palavras-chave: vocalise na canção brasileira; sílabas; padrão formântico; canto; fala.

A AQUISIÇÃO DO ASPECTO GRAMATICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DAS LEITURAS DE PLURALIDADE DE EVENTOS

Pesquisador(a): Luciana Aparecida Paraguassú Amaral

Orientação: Ana Lucia de Paula Müller

Esta pesquisa investiga a interpretação de leituras de pluralidade de eventos, por crianças adquirindo o português brasileiro (PB) como primeira língua (L1). A pluralidade de eventos ('pluractionality') consiste na marcação morfológica da pluralidade de eventos nos verbos. Objetiva-se verificar como ocorre a aquisição dessas leituras originadas de aspectos gramaticais no PB, como o imperfectivo e o perfectivo. Argumentamos que as formas aspecto-temporais do PB, ao denotar diferentes tipos de pluralidade, podem ser adquiridas distintamente. Por exemplo, o passado imperfectivo (IMP) denota principalmente evento plural em andamento (*Ana fumava*); enquanto o passado perfectivo (PFV) denota principalmente evento singular concluído (*Ana fumou*), podendo ser coagido ('coerced') a leituras de pluralidade quando se acrescentam advérbios temporais (explícitos ou contextuais) (*Ana fumou algumas vezes/por 20 anos*). Embora haja uma longa tradição de pesquisas em L1 sobre a aquisição de aspecto gramatical, os estudos centram-se nas denotações de eventos singulares (PFV/concluído vs. IMP/em andamento) (Weist *et al.*, 1984; Van Hout, 2005, 2008; Kazanina e Philips, 2007; Wagner, 2002). No PB, é a perífrase imperfectivo-progressiva que denota leitura de evento singular em andamento (*Ana estava fumando*), enquanto a forma aspecto-temporal de IMP, conforme exemplificado acima, denota pluralidade de eventos em andamento (Ferreira, 2016). O aspecto imperfectivo em predicados télicos (predicados que têm um ponto final inerente), diferentemente do perfectivo, foca o progresso interno do evento e não faz nenhuma afirmação sobre sua culminância, portanto, a conclusão do evento **não** é implicada (*Ana estava construindo um castelo* → *o castelo está construído*) (Dowty, 1979). Verificou-se que as crianças, em geral, adquirem primeiro a semântica do perfectivo, pois interpretam como concluídos eventos no aspecto imperfectivo. Poucos estudos investigaram a aquisição em L1 de pluralidade de eventos. Jackson e Green (2005) investigaram a aquisição de um marcador de leitura habitual do inglês afro-americano (*Dee be running* 'Dee costuma correr') e verificaram que a interpretação das crianças é consistentemente menos adulta em comparação com *Dee is running*, que tem apenas

uma leitura de evento singular. Por outro lado, Yatsushiro *et al.* (2023) encontraram evidências de que o plural, no domínio nominal, é semanticamente não marcado, pois as crianças aceitam seu uso em contextos de referência singular (*um menino tem línguas? – Sim*). Usamos os resultados dessas pesquisas para formular nossas hipóteses: leituras coagidas de pluralidade (como as geradas por PFV), por serem semanticamente mais complexas (*Hipótese da Complexidade Semântica* (van Hout, 2008)), são adquiridas depois das leituras de singularidade; enquanto construções que denotam principalmente leituras de pluralidade de eventos (como IMP) são adquiridas tardiamente por serem aceitas tanto em contextos de pluralidade como de singularidade. Essa verificação dar-se-á através da aplicação de três tarefas de compreensão, em crianças de 3 a 6 anos. Tais tarefas baseiam-se no experimento de Jackson e Green (2005). Utilizamos como estímulo predicados atélicos, pois predicados télicos, para denotar pluralidade, requerem em contexto advérbios temporais de iteração (*Maria fumava vs. Maria fumava um cigarro por dia*). A pesquisa encontra-se na fase de desenvolvimento do layout da tarefa experimental 1, que comparará formas aspectuais do tempo passado.

Palavras-chave: aquisição; Semântica; aspecto gramatical; pluralidade; português brasileiro.

AS PROPRIEDADES DA ENCICLOPÉDIA NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: O LUGAR DA SEMÂNTICA EM UMATEORIA SINTÁTICA

Pesquisador(a): Marcela Nunes Costa

Orientação: Ana Paula Scher

A Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993) é um modelo sintático para a formação de palavras e constituintes maiores que abandona a noção de Léxico como um componente gerativo e propõe a distribuição das propriedades morfológicas, fonológicas e semânticas em três listas não gerativas, as quais armazenam, respectivamente, os primitivos teóricos – raízes e traços morfossintáticos –, as regras de correspondência entre o *output* sintático e as representações fonológicas, e os conteúdos não linguísticos. A terceira lista, chamada Enciclopédia, é a que recebe menos tratamento e sistematização pela literatura até o momento, de modo que suas propriedades e seu acesso por outros componentes na Arquitetura da Gramática são fonte de discussão. Os objetivos do presente projeto de doutorado são: (1) determinar as propriedades da terceira lista, Enciclopédia, em Morfologia Distribuída e (2) discutir a conexão entre a estrutura sintática dos objetos linguísticos e sua interpretação, considerando-se a própria configuração estrutural, bem como relações de localidade presentes nessas estruturas (Marantz, 2001, 2013; Arad, 2003, 2005). O fenômeno empírico abordado é a formação de diminutivos e aumentativos do Português Brasileiro (-*inh-* e -*zinh-*; -*ão* e -*zão*). Parte-se de duas hipóteses teóricas sobre a Enciclopédia: (a) Restritiva – apenas informações semânticas relevantes para a interpretação da estrutura sintática são armazenadas e o conhecimento de mundo é acessado em interface com outros sistemas cognitivos; (b) Generalista – tanto informações de conhecimento de mundo quanto aquelas necessárias à interpretação da estrutura sintática são armazenadas. Foram identificados três tipos de comportamento semântico nos dados: (i) composicional, previsível das partes; (ii) não composicional, não previsível das partes; (iii) especial, leitura metafórica ou metonímica da raiz. A análise dos dados tem caráter qualitativo e é teoricamente orientada, pois será desenvolvida a partir dos resultados obtidos da revisão sistemática da literatura sobre as questões relevantes para a interpretação de estruturas complexas geradas pela sintaxe.

Palavras-chave: Morfologia Distribuída; diminutivos; aumentativos; composicionalidade semântica.

RESTRIÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS SOBRE O USO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO PORTUGUÊS

Pesquisador(a): Marcio Azevedo Vianna Filho

Orientação: Marcelo Barra Ferreira

O pretérito perfeito composto (PPC) é empregado na descrição de uma situação de mundo em que ocorre certo tipo específico de repetitividade. O seu emprego só é pragmaticamente adequado se algumas condições forem satisfeitas, dentre as quais se destacam: (a) a impossibilidade da especificação do número das reiterações (Ilari, 2001; Schmitt, 2001; Bertinetto; Lenci, 2010 entre outros); (b) repetibilidade no momento presente (Portner, 2011 para o *present perfect*; Vianna Filho, 2016 para o PPC); (c) não gnomicidade, isto é, sem efeito de caracterização do sujeito como indivíduo (Boneh; Doron, 2016 para tempos verbais do hebraico e do inglês; Vianna Filho, 2016 para o PPC). Os exemplos abaixo ilustram respectivamente cada uma destas três restrições:

- (a) A Helena tem ido a São Paulo (*três vezes).
- (b) [A exposição foi encerrada ontem]
#Os críticos têm vindo?
- (c) — O João tem fumado ultimamente.
— Ele fuma? Não sabia.
— Não sei se fuma, mas que tem fumado, isso tem.

Em (a), observa-se que o PPC é incompatível com a determinação do número de iterações ("três vezes"). Em (b), é violada a restrição de repetibilidade presente (neste caso, a possibilidade presente da vinda de críticos), já que a exposição está fechada no presente. O fato de ser uma interrogação deixa patente que não se trata da mera falsidade da sentença-exemplo. O exemplo (c) contrasta o presente do indicativo (PI) com o PPC. A repetitividade indicada pelo PI é caracterizadora de João (isto é, "gnômica"), significando que ele é fumante. O PPC, em contraste, limita-se estritamente a informar a ocorrência seriada de João-fumar, deixando em aberto serem ou não estas repetições a manifestação de uma característica individual de João. O uso do PPC com predicados inambiguamente gnômicos, tais como a predicação a nível de indivíduo, é

agramatical: **O cão tem tido 4 patas*. Estas três restrições são essenciais à caracterização semântico-pragmática do PPC português, o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: pretérito perfeito composto; português; semântica; iteratividade; repetitividade.

AQUISIÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS EM POSIÇÃO ÁTONA EM PB

Pesquisador(a): Mariana de Freitas Martins

Orientação: Raquel Santana Santos

Investigamos a aquisição das vogais médias em posição átona no português brasileiro no dialeto paulista. Segundo Dresher (2019), o esqueleto binário que forma a geometria de traços é inato, mas a hierarquia e os traços não. O autor defende ser possível inferir a hierarquia a partir dos processos fonológicos que os segmentos partilham – processos que dariam pistas às crianças dessa geometria. Assim, adquirir as vogais não é apenas adquirir os fonemas nem ativar traços (como seria em Clements e Hume (1995) – cf. Lazzarotto-Volcão (2009) para aquisição das consoantes em PB), mas descobrir e organizar hierarquicamente os traços relevantes para o dialeto de PB a ser adquirido. O PB tem um sistema vocálico com sete vogais subjacentes: /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ em sílabas tônicas, cinco nas vogais pretônicas, quatro nas postônicas não finais e nas postônicas-finais apenas três. Essa redução é resultado de processos fonológicos que reduzem o sistema vocálico nas posições átonas, como o Alçamento Final (leit[ɪ], cop[ʊ]), a Harmonia Vocálica (m[i]nino, b[u]nita) e o Alçamento de Vogais Pretônicas (p[i]queno, t[u]mate). Para esta apresentação, foram analisadas 101 sessões de gravação naturalística de uma criança dos 2 aos 4 anos, observando como os diferentes processos fonológicos que afetam as vogais átonas interferem em sua aquisição. A coleta se deu através da transcrição fonética das sessões, realizadas pela autora. Para as vogais pretônicas, observamos que até os 3 anos ocorreram mais casos de vogais médias alçadas para altas do que realizadas como vogais médias, indicando que até essa idade os alçamentos ocorrem sem motivação fonológica aparente. Investigando os processos fonológicos individualmente, vemos que o processo com maior quantidade de aplicações nos contextos esperados na fala adulta foi o alçamento quando há uma consoante fricativa /s/ presente na mesma sílaba da vogal alçada (escada- [i]scada), indicando forte influência do contexto fonológico nesse caso. A Harmonia Vocálica também teve a maioria de suas aplicações em contextos esperados, sugerindo que a aquisição de um processo com contexto fonológico claramente determinado foi mais rápida do que a aquisição do processo de Alçamento de Vogais Pretônicas sem contexto fonológico, que levou a muitas produções em contextos inesperados (pescar – p[is]car). A pequena quantidade de

abaixamentos, mesmo em contextos esperados (v[ɔ]vó), provavelmente decorre do dialeto sendo adquirido, que tem baixa preferência por produções deste tipo. Para as postônicas, o alçamento das vogais em posição final ocorreu em 99% dos casos, seguindo a produção adulta. Postônicas não finais representaram apenas 0,43% dos dados de vogais postônicas coletados, impossibilitando uma análise conclusiva.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; fonologia; vogais átonas; português brasileiro.

KUXIMA PAÁ, DIZQUE ANTIGAMENTE: NOTAS INICIAIS SOBRE O CONTATO ENTRE PORTUGUÊS E NHEENGATU EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)

Pesquisador(a): Mariana Payno Gomes

Orientação: Thomas Daniel Finbow

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de mestrado que investigou fenômenos de contato linguístico entre o nheengatu, língua da família Tupi, ramo Tupi-Guarani, e o português brasileiro falado na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM). Com o objetivo de identificar estruturas morfossintáticas e discursivas que possivelmente emergiram do contato com o nheengatu no português de falantes das duas línguas, o foco da pesquisa recai especialmente no uso da expressão *dizque* como marcador de evidencialidade na narração de histórias. Foram descritas as características gramaticais, prosódicas e discursivas da partícula de evidencial reportativo *paá*, do nheengatu, e da expressão *diz que*, do português brasileiro, propondo-se a emergência de novos usos de *dizque* no português falado por pessoas Baré e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira. Para isso, alia-se a teoria da evolução linguística, da ecologia do contato e da seleção e competição de traços de Mufwene (2001, 2008) a um viés antropológico que considere as maneiras locais de produzir e transmitir conhecimento por meio das línguas. A adequação do modelo de análise de Mufwene para este trabalho está no fato de ele permitir a identificação e a descrição dos traços das línguas em interação e da variedade que emerge desse contato linguístico, sem, no entanto, reduzir os fenômenos a meras “intervenções” de uma língua na outra. Além disso, é uma abordagem teórica que abre espaço para o entendimento de toda a complexidade da situação de contato. Versão moderna da língua geral amazônica, o nheengatu foi a língua franca e majoritária da região amazônica até o final do século 19, sendo amplamente utilizado por todos os membros do sistema colonial. Hoje é falado principalmente pelos povos Baré, Baniwa e Warekena, em substituição ou junto às suas línguas tradicionais, na região do alto rio Negro, onde está São Gabriel da Cachoeira. A atual situação de contato entre o nheengatu e o português e a ecologia multilíngue da região não se dissociam da história de formação, expansão e retração da língua geral amazônica durante a colonização do Brasil – motivo pelo qual a pesquisa também se vale de um olhar histórico e etnográfico, além da análise linguística *per se* dos dados sincrônicos coletados em trabalho de campo. Assim, foram

avertadas hipóteses sedimentadas em critérios linguísticos, históricos e antropológicos para os fenômenos de contato e mudança linguística observados.

Palavras-chave: contato linguístico; português brasileiro; nheengatu; línguas indígenas; português indígena.

ESTRUTURA SILÁBICA DO GUINEENSE A PARTIR DE TIPOLOGIA FONOLÓGICA: NOÇÕES PRELIMINARES DA ESTRUTURA INTERNA DE SÍLABA

Pesquisador(a): Midana Cá

Orientação: Paulo Chagas de Souza

O presente trabalho versa sobre as noções preliminares de estrutura silábica do guineense, por viés da tipologia fonológica, tendo recorte a noção básica de estrutura interna da sílaba e(ou) sílabas simples/livres e complexas/travadas. O guineense é a língua mais falada da Guiné-Bissau e vulgarmente chamada de língua crioula, contudo foi cunhada de guineense por uma questão da política linguística (Bull, 1989; Carioca, 2016). Desta forma, o trabalho objetiva descrever a silábica desta língua a fim de contribuir para sua sistematização e descrição, visto que há um vácuo nas descrições no que concerne as explicações de sílabas simples e travadas/complexas no guineense. O presente trabalho discutiu as noções de sílabas com apoio teórico em vários autores: Bull (1989); Carioca (2016), Gordon (2016), Mendonça (2003) e outros. Metodologicamente, foram considerados alguns filmes na língua guineense, dicionários no guineense, materiais eletrônicos disponíveis no site intitulado “Guiné-Bissau Kriol docs,” textos disponíveis no trabalho de Benjamim Binto Bull (1989) e outros suportes como fontes de coletas de dados para análises das categorias selecionadas dentro da noção de sílaba. Foi constatada durante a análise que a estrutura silábica no guineense, tipologicamente, apresenta os seguintes padrões: sílabas livres/simples (V, CV, CCV, VV, VVC, CVV, CVV) e as sílabas travadas/complexas (VC, CCVC, CCCV, CCCVC, CVC, CVVC). Essa estrutura se assemelha de algumas estruturas que se encontram nas outras línguas, como português, inglês, chinês, japonês, havaiano, pepel, manjaku, mankain, fula, balanta, balanta-Mané e outras. Portanto, a elaboração de uma gramática da língua, a qual terá uma base tipológica, pode proporcionar ao país um instrumento necessário para uma ação glotopolítica (de equipamento linguístico) para a língua guineense. Por isso, fez-se necessário descrever as noções preliminares silábicas desta língua a fim de contribuir em parte no que tange a elaboração da gramática da língua guineense.

Palavras-chave: fonologia do guineense; sílaba no guineense; estrutura interna da sílaba.

CARTOGRAFIA E AQUISIÇÃO DA PERIFERIA ESQUERDA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO DE COMPREENSÃO

Pesquisador(a): Miguel Fontes Meira

Orientação: Elaine Bicudo Grolla

Tendo observado a ordem de emergência de diversos fenômenos sintáticos em dados longitudinais do hebraico, Friedmann, Belletti e Rizzi (2021) propõem que a árvore sintática seja universalmente adquirida em três etapas, cada uma correspondendo a diferentes domínios da hierarquia de núcleos funcionais definida pelo Programa Cartográfico (Rizzi, 1997; Rizzi; Bocci 2017). Esta hipótese, cunhada *Growing Trees*, sugere que a criança inicialmente tenha disponível apenas o domínio IP (Fase 1) e, subsequentemente, adicione à árvore sintática as projeções funcionais da Periferia Esquerda em dois blocos (Fases 2 e 3). Além do hebraico, também foram encontradas evidências para esta proposta no italiano (Moscati; Rizzi, 2021) e no português brasileiro (Meira; Grolla, 2023). No entanto, todos os estudos à luz da hipótese *Growing Trees* realizados até o presente momento centraram sua análise em dados de produção, deixando em aberto a seguinte pergunta: até que ponto compreensão e produção estão correlacionadas no decorrer do percurso de desenvolvimento linguístico infantil? É possível encontrar evidências para a proposta de Friedmann et al. (2021) também a partir de dados experimentais de compreensão? Esta pesquisa busca responder a tais questões propondo a realização de um teste de Olhar Preferencial Intermodal com crianças entre 1;6 e 3;0 em fase de aquisição do português brasileiro como língua materna. Desde Spelke (1976), sabe-se que as crianças possuem percepção intermodal, isto é, tendem a associar estímulos sensoriais de diferentes modalidades (visual, olfativo, tátil etc.) a um único evento. Linguisticamente, isso se reflete pelo fato de que uma criança, ao interpretar uma dada sentença, tende a fixar seu olhar no evento descrito, caso este esteja visualmente acessível. Deste modo, o teste do Olhar Preferencial proposto por Golinkoff et al. (1987) tira proveito da percepção intermodal infantil para inferir se crianças pequenas compreendem certas estruturas linguísticas, controlando os estímulos visuais e verbais que elas recebem. Durante o teste, logo após ouvir um estímulo verbal contendo a estrutura sintática relevante, a criança é exposta a um par de figuras, das quais uma é congruente ao estímulo verbal e outra é incongruente. Tendo como variáveis dependentes

a direção do olhar e o tempo de fixação visual na figura congruente, é possível inferir se a sentença foi ou não compreendida pela criança de forma adulta. A principal vantagem metodológica deste experimento é não exigir dos sujeitos nenhum tipo de planejamento de resposta consciente aos estímulos, permitindo testar crianças abaixo dos 2 anos de idade com sentenças que elas mesmas ainda não produzem. Caso as previsões da hipótese *Growing Trees* estejam corretas, espera-se que um grupo controle entre as idades de 2;6 e 3;0 demonstre compreender todas as estruturas sintáticas pertencentes às Fases 2 e 3 (correspondentes à Periferia Esquerda baixa e alta, respectivamente), enquanto um grupo experimental entre 1;6 e 2;0 demonstre compreender de forma adulta apenas as sentenças que ativam projeções sintáticas da Fase 2, mas não da Fase 3.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; sintaxe; cartografia; periferia esquerda; compreensão linguística.

MOVIMENTO ASSOCIADO (AM) E DIRECIONAL DÊITICO (DD) NO GUINEENSE

Pesquisador(a): Mohamed Malam Dabó

Orientação: Alexander Yao Cobbinah

O estudo visa analisar a expressão do movimento na língua guineense através dos verbos *bai* 'ir' e *bin* 'vir', buscando compreender suas nuances e padrões de codificação de movimento, com base nas propostas tipológicas conhecidas como Movimento Associado (AM) e Direcional Dêítico (DD). Resumidamente, o AM, de acordo com Belkadi (2016, p. 2), refere-se aos sufixos verbais que acrescentam movimento e direção ao verbo sem aporte semântico de movimento em uma construção. Primeiramente, o AM codifica o evento com a semântico de movimento translacional da "Figura" (em contraste com o "Fundo," conforme Talmy, 2000); e, em segundo lugar, o verbo sem aporte semântico de movimento codifica o evento principal. Embora a expressão morfológica deste último esteja limitada à lexicalização do verbo principal, a expressão do primeiro evento varia translinguisticamente, utilizando, frequentemente, sufixos verbais, mas também clíticos, verbos seriais, verbos auxiliares, entre outros (Belkadi, 2016, 2021; Guillaume; Koch, 2021; Voisin, 2021). Desta forma, extraímos os dados a partir do texto *Junbai*, um livro de histórias, contos e fábulas curtas de Teresa Montenegro e Carlos de Morais (1979), e complementados com dados empíricos oriundos de conversas espontâneas e informais com nossos compatriotas. Para a análise, primeiramente fizemos o levantamento de todas as ocorrências de *bai* e *bin* no livro *Junbai* e, em seguida, realizamos sua transcrição e tradução. Com os resultados das primeiras análises, constatamos a necessidade de ampliar nosso levantamento, considerando, principalmente, dados de conversações naturais, para obter dados em contextos semânticos mais variados. Os verbos *bin* e *bai* são verbos de movimento, cujas funções incluem especificar a direção de uma figura expressa por um verbo, além de codificar Movimento Associado quando o verbo principal não envolve movimento. Contudo, a função direcional dêítica ainda não foi completamente testada devido à ausência de ocorrências dos verbos *bai* e *bin* como auxiliares de um verbo de movimento em nossos dados. Isso destaca a necessidade de expandir o levantamento de novos dados. Até o momento, as únicas ocorrências encontradas estão relacionadas ao Movimento Associado, Tempo e Aspecto, além de um uso adverbial

específico associado ao verbo *bin*. Também, os resultados parciais mostraram que o guineense e muitas línguas atlânticas estudadas pela Belkadi (2016, 2020) e Voisin (2020), codificam AM por meio de elementos não dedicados, ou seja, possuem sincronicamente uma tipologia em que, morfemas dêiticos, associado ao verbo sem movimento, codificam movimento a esse verbo (tipologia D-AM). Especificamente ao guineense, o AM é realizado através dos verbos auxiliares, objetos deste estudo.

Palavras-chave: Movimento Associado; Direcional Dêítico; sufixos verbais; guineense.

O DITO *CUJO*: O TRATAMENTO DADO ÀS RELATIVAS GENITIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Pesquisador(a): Nathalie Torres Vila Nova

Orientação: Elaine Bicudo Grolla

As orações relativas genitivas convencionais, como “a menina cujo brinquedo quebrou,” são caracterizadas pela presença do relativizador *cujo*, que substitui um sintagma preposicional modificador do nome. Assim, a estrutura contém um NP complexo, ou seja, modificado por um sintagma oracional. Estudos de Kato (1996, 2005) propõem que essas construções não são adquiridas durante o processo de aquisição de linguagem, e seu uso decorre do ensino formal, que faz parte do currículo dos Anos Finais do Ensino Fundamental e dos anos de Ensino Médio da escola brasileira. No entanto, consoante dados coletados em etapas anteriores desta pesquisa, a relativa cortadora (como “a menina que o brinquedo quebrou”) e a resumptiva (como “a menina que o brinquedo dela quebrou”) são majoritariamente empregadas pelos estudantes em seus textos escritos, em detrimento da estrutura convencional. O *cujo*, por outro lado, aparece frequentemente em contextos em que não apresenta a função possessiva (como “a menina cujo está na brinquedoteca”). Este trabalho busca investigar os fatores que levam à dificuldade com essa construção, também documentada em outras línguas. Nesta comunicação, compartilharemos as reflexões resultantes de uma das etapas do estudo: a análise, por meio de pesquisa documental, do tratamento dado a esse objeto do conhecimento em documentos que norteiam a educação básica, como a Base Nacional Comum Curricular, bem como em livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático e utilizados amplamente nas escolas brasileiras, como Bernoulli e Moderna. Essa análise, correlacionada aos dados anteriores, tem sugerido que o *input* escolar não é suficiente para a aprendizagem da construção.

Palavras-chave: relativização; pronome cujo; primeira língua; português brasileiro.

MERIDIANO DE SANGUE: UM ESTUDO SEMIÓTICO DA FRONTEIRA FICCIONAL DE CORMAC MCCARTHY

Pesquisador(a): Nayara Moreira

Orientação: Renata Ciampone Mancini

O objetivo da pesquisa consiste em oferecer uma análise da representação da fronteira no romance *Meridiano de sangue ou O rubor crepuscular no Oeste*, de Cormac McCarthy, através de uma abordagem tensiva da semiótica discursiva. A análise propõe a identificação e interpretação das isotopias presentes no texto, a fim de compreender como esses elementos contribuem para o desenvolvimento da violência contra minorias étnicas na fronteira entre os Estados Unidos e o México no século XIX. Em *Meridiano de sangue*, considerada obra-prima do autor, a denúncia cultural, política e sócio-histórica estão sugeridas: os anglo-saxônicos são retratados como os principais agentes por trás da brutalidade contra os ameríndios, mexicanos e negros que habitavam o Oeste estadunidense, numa suposta jornada de "conquista" da região. Assim, o romance representa a violência promovida pelo Estado como um instrumento político para a domesticação espacial e cultural. Além da atenção que o livro já recebe da crítica literária e daqueles interessados nos aspectos históricos e sociais, podemos ainda, do ponto de vista dos estudos semióticos, procurar entender como a tão citada violência está implicada na construção de sentido no texto. Logo, essa pesquisa pretende explorar como o romance modula o sentido por meio de variações de andamento, intensidade, extensidade e espera, criando efeitos de contraste, tensão, ritmo e expectativa no enunciatário numa organização discursiva. Pretende-se, ainda, investigar como se orientam as isotopias, entendendo-as como recorrências semânticas que abrangem estruturas mais profundas e abstratas e fazem com que o enunciatário conheça e experimente aquele universo, manifestando-se em diferentes graus de presença, de intensidade e de extensidade. Deste modo, podemos tentar desvendar como a obra questiona os valores e as ideologias que sustentam a mitologia de conquista do Oeste estadunidense.

Palavras-chave: semiótica; práticas e formas de vida; análise do discurso; fronteira; literatura contemporânea.

OS PRIMEIROS MANUAIS BRASILEIROS DE INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA: A DÉCADA DE 70

Pesquisador(a): Pedro Henrique Camargo Freire

Orientação: Olga Ferreira Coelho Sansone

A presente comunicação busca socializar os resultados da pesquisa, em nível de mestrado, sobre os manuais de introdução geral à Linguística. Dessa forma, optou-se por selecionar para esta comunicação os aspectos externos da linguística brasileira, durante a década de 1970, observando os aspectos de institucionalização da disciplina (Altman, 2004; Sugiyama, 2020; Batista, 2022). Estes aspectos envolvem a consolidação de cursos de Linguística, em nível de graduação, a criação de associações nacionais de linguistas e a produção dos primeiros manuais de introdução à linguística por parte de professores universitários brasileiros. A nossa hipótese é a de que os manuais podem ser considerados como um outro fator para evidenciar a institucionalização da disciplina, pois, assim como argumentado por Kuhn (1968), a produção manualesca indica que um grupo de pesquisadores não apenas se reconhece como pertencente a uma comunidade científica específica, como também indica as bases epistemológicas compartilhadas por essa comunidade. Assim, analisaremos o contexto de produção dos quatro manuais publicados ao redor dessa década: *Introdução à Linguística* (1967), de Francisco da Silva Borba; *Introdução à Linguística* (1973), de Leonor Sciliar Cabral; *Fundamentos da Linguística contemporânea* (1975), de Edward Lopes; e, por último, *Manual de Linguística* (1979), de Cidmar Teodoro Pais. Dessa maneira, à luz da historiografia linguística, será discutido a divisão entre os aspectos externos vs internos, para evidenciar quais são os parâmetros de análise utilizados em cada tipo de análise, dando ênfase nesta comunicação aos aspectos externos. Como resultados preliminares, pode-se argumentar que o surgimento de manuais introdutórios em determinado campo funciona como índice sociológico sobre como a comunidade científica se identifica em relação aos outros campos que convive.

Palavras-chave: historiografia; manuais; linguística.

PSICANÁLISE HIGH-TECH E SEMIÓTICA TENSIVA: CONTINUUM E DESCONTINUIDADES

Pesquisador(a): Pedro Leal Fonseca

Orientação: Waldir Beividas

A pesquisa se desenvolve na interface entre a psicanálise lacaniana e a semiótica discursiva, especialmente no desdobramento tensivo que lhe deu Claude Zilberberg. Parte-se de uma perspectiva técnico-midiática sobre o ensino de Lacan, como postulada por Friedrich Kittler e outros autores do campo da teoria das mídias, que dão destaque à primazia, na ordem simbólica lacaniana, de uma operatória sobre elementos discretos em oposições binárias, assim como nas máquinas digitais desenvolvidas a partir dos estudos em Cibernética e Teoria da Informação na primeira metade do século 20. Esta leitura aponta para uma visão cibernética do inconsciente, defendida por Lacan no início da década de 50. Coteja-se, então, a psicanálise estruturalista de Lacan e a semiótica discursiva, contrapondo-se um modelo que dá destaque a descontinuidades (ou escanções), operando com termos discretizados, como é o caso da psicanálise lacaniana, e o ingresso do “continuum” na teoria semiótica, teoria que surge e se desenvolve na mesma época em que se erige o empreendimento estrutural no campo da psicanálise. Neste sentido, busca-se apresentar o percurso da semiótica rumo ao sensível, contínuo e intervalar, indicando as bases dessa mudança de regime epistemológico anunciada por A. J. Greimas e Jacques Fontanille em *Semiótica das Paixões*, e de que modo o tratamento do contínuo aparece na semiótica tensiva de Claude Zilberberg, discutindo, ademais, a filiação preferencial deste autor a um estruturalismo hjelmsleviano que ele mesmo contrapõe ao de Lévi-Strauss e Roman Jakobson. A concepção de oposições participativas de Hjelmslev é apresentada e situada na base dessa mudança epistemológica. O trabalho especula sobre de que modo a tomada em consideração do contínuo a partir de uma perspectiva tensiva pode contribuir para a clínica psicanalítica. Situa-se a psicanálise, para tanto, como prática semiótica, em linha com os níveis ou planos de imanência postulados por Jacques Fontanille.

Palavras-chave: Psicanálise; Semiótica; Cibernética; discretização; contínuo.

O SEMANTISMO DA EXPRESSÃO NO FILME *LUZ DE INVERNO*

Pesquisador(a): Poliana Magalhães Oliveira

Orientação: Waldir Bevidas

Tomando o cinema enquanto semiótica sincrética, termo congênere ao conceito de sincretismo primordialmente formulado por Hjelmslev (2013) e mais tarde ampliado por Greimas e Courtés (2008), a presente comunicação propõe uma análise de quatro sequências do filme *Luz de inverno* (1963), de Ingmar Bergman, evidenciando-se os códigos em acionamento e sua contribuição dada à significação – a saber, o “semantismo da expressão,” conforme denominação de Bevidas, segundo o qual o plano da expressão consignaria a significação no plano do conteúdo (Bevidas, 1987, 2006). À luz dessa abordagem teórica, são descritos os códigos acionados em cada uma das sequências fílmicas, salientando-se de que modo o arranjo desses códigos favorece a figuratividade (Greimas; Courtés, 2008; Bertrand, 2003), numa espécie de legitimação, no plano da expressão, da significação descrita no plano do conteúdo – o que também se conhece por “homologação de uma categoria de expressão e de conteúdo” (Floch, 2022, p. 227). Nesse sentido, o cinema se configura como um sistema de significação semissimbólico, isto é, um sistema que se define “pela conformidade não de elementos isolados, mas de categorias situadas em um e outro plano” (Floch, 2022, p. 225), marcado pela transitoriedade (Lemos, 2016); tal conceituação, cabe lembrar, parte da distinção hjelmsleviana entre sistemas semióticos, simbólicos e semissimbólicos. A abordagem do filme em questão alinha-se, assim, ao seu entendimento enquanto texto de função estética, tal qual o coloca Fiorin (2003), cuja compreensão se dá a partir do entendimento não somente do conteúdo, mas também dos elementos da expressão. Essa perspectiva de análise aventa-se, portanto, como contribuição para a descrição de textos sincréticos de modo geral.

Palavras-chave: semantismo da expressão; semiótica; semissimbolismo; sincretismo.

LLMs DE CÓDIGO ABERTO VS. SISTEMAS NMT: TRADUZINDO LINGUAGEM ESPACIAL EM LEGENDAS EN-PT-br

Pesquisador(a): Rafael Macário Fernandes

Orientação: Marcos Fernando Lopes

Este estudo de mestrado investiga os desafios na tradução da linguagem espacial do inglês para o português brasileiro (EN-PT-br) utilizando Modelos de Linguagem de Código Aberto (LLMs) em comparação com sistemas tradicionais de Tradução Automática Neural (NMT). O foco é a tradução precisa de preposições espaciais como ACROSS, INTO, ONTO e THROUGH, essenciais para manter a integridade semântica do texto original e assegurar a fluência no idioma alvo. A pesquisa contextualiza os desafios da tradução de linguagem espacial, destacando as limitações dos sistemas NMT atuais e as vantagens potenciais dos LLMs. A revisão da literatura mapeia a evolução das teorias de tradução, o desenvolvimento dos sistemas NMT e a ascensão dos LLMs, além de abordar as limitações das abordagens existentes. A metodologia do estudo inclui uma análise baseada em *corpus*, utilizando um conjunto de dados bilíngue extraído de legendas de TED Talks da plataforma OPUS, centrado nas preposições espaciais. Este *corpus* foi meticulosamente pré-processado para facilitar tanto a avaliação automatizada quanto a análise manual de erros. As métricas de avaliação utilizadas incluem BLEU, METEOR, BERTScore, COMET e TER, enquanto a análise manual de erros identifica e categoriza especificamente os tipos de erros cometidos por cada sistema. Os resultados mostram que LLMs de tamanho moderado, como LLaMa-3-8B e Mixtral-8x7B, conseguem uma precisão comparável a sistemas NMT como DeepL, embora essa relação não seja sempre linear, com modelos como Gemma-7B apresentando desempenho semelhante. No entanto, os LLMs frequentemente cometeram erros graves de tradução, incluindo interlíngua/alternância de código e anglicismos, falhando em garantir a fluência no idioma alvo. Em contrapartida, os sistemas de NMT demonstraram uma melhor fluência e precisão geral nas tarefas de tradução automática. A análise manual de erros revela desafios contínuos enfrentados por ambos os sistemas na tradução das nuances da linguagem espacial. Ambos os grupos apresentaram números consistentes de erros como polissemia e projeção sintática, onde falham em traduzir adequadamente o significado de uma preposição ou replicam os padrões de lexicalização do texto fonte no texto alvo.

Estes erros comprometem a tradução correta das preposições espaciais, destacando as limitações dos modelos atuais. O estudo conclui que, apesar dos avanços significativos nos LLMs, ainda existem obstáculos importantes na tradução precisa da linguagem espacial. Sugere-se que pesquisas futuras devem focar em aprimorar os conjuntos de dados de treinamento, refinar as arquiteturas dos modelos e desenvolver métricas de avaliação mais sofisticadas que capturem melhor as sutilezas semânticas da linguagem espacial.

Palavras-chave: processamento de linguagem natural; modelos de linguagem de código aberto; tradução automática neural.

ESPRAIAMENTO DE NASALIDADE EM GUARANI: PROJETO DE PESQUISA

Pesquisador(a): Rafaela Michels Martins

Orientação: Luciana Raccanello Storto

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar o fenômeno fônico de espraio de nasalidade na língua Guarani falada no Brasil. Fonologicamente, o Guarani apresenta seis vogais orais /a ε i i̯ u/ e todas possuem contrapartes nasais /ã ε̃ ĩ ĩ̯ ũ/, que são também fontes de nasalidade quando estão em posição tônica de sílaba final. A literatura registra que, nessa língua, há um fenômeno fonológico característico em que a nasalidade das vogais tônicas finais pode se espraio para os segmentos anteriores, ou seja, de modo regressivo, tendo como alvo todos os sons soantes, sendo os demais transparentes e não havendo bloqueadores. De modo progressivo, esse fenômeno afeta alguns morfemas. Esse processo parece ser gradual. Esta pesquisa busca, a partir de gravações do sinal acústico oral e nasal, verificar quais segmentos são, de fato, alvos, transparentes e, se houver, bloqueadores da nasalidade engatilhada por vogais, tanto em sentido regressivo quanto progressivo, investigando também quais morfemas são nasalizados, a fim de determinar o domínio de nasalidade. Ademais, busca-se analisar os movimentos do véu palatino, responsável pelo processo de nasalização, verificando se o processo é gradual e contínuo. Metodologicamente, intenciona-se realizar gravações de campo com as três variedades Guarani faladas no Brasil: Mbyá, Kaiowá e Nhandewa, para obter material comparativo entre elas. Nossa hipótese, com base na literatura, é de que apenas vogais tônicas orais serão bloqueadoras do espraio de nasalidade e que a nasalidade será mais forte na fonte e mais fraca na medida em que se distancia da fonte, de modo contínuo. Também compreendemos que os dados das três variedades serão semelhantes em relação ao fenômeno de espraio, podendo haver diferenças nas produções das vogais médias-altas e médias-baixas.

Palavras-chave: Guarani; nasalidade; vogais.

PRÁTICA ETNOGRÁFICA, CONFLITO ONTOLÓGICO E TRADUÇÃO SEMIÓTICA

Pesquisador(a): Renato Albuquerque de Oliveira

Orientação: Luiz Tatit

Quando contatos entre diferentes culturas são praticados, mesmos objetos podem carregar sentidos diferentes. Entre outras coisas, pensar na possibilidade de tradução entre diferentes mundos semióticos é uma das empreitadas da antropologia, que se baseia na prática etnográfica para a construção de um *corpus* possível de análise. Para abordar esse tipo de fenômeno, chamado de *conflito ontológico*, trarei dois exemplos desse tipo de contato que podem aparecer no trabalho de campo antropológico. Esses exemplos são extraídos da etnografia *Por que cantam os Kĩsêdjê*, realizada por Anthony Seeger. Como se verá, a diferença na compreensão dos sentidos desses eventos é equalizada com o diálogo entre o etnógrafo e seus interlocutores Kĩsêdjê. O primeiro exemplo lida com um conflito a respeito do significado dos elementos constitutivos de uma performance musical. A respeito de um canto em grupo, o etnógrafo, orientado pela cosmovisão ocidental, considerava como música apenas os elementos rítmicos, melódicos e harmônicos da performance, desconsiderando como musicais outros elementos daquela trilha sonora – imitação de diferentes animais, conversas, risos. Ao mostrar a gravação sem estes elementos para seus interlocutores, estes apontaram para o erro na interpretação do antropólogo. O segundo exemplo mostra como a ilusão referencial, ideia proposta por Barthes, pode ser um efeito de sentido transcultural. Durante a reprodução de uma gravação para seus interlocutores, Seeger notou que a gravação foi muito admirada pelo tom extremamente grave em que a música se apresentava. Mas esse tom grave só foi alcançado por um defeito tecnológico na fita que foi reproduzida. Para o etnógrafo, o defeito era dado e seus interlocutores sabiam disso. Para os Kĩsêdjê, a gravação reproduzia com fidelidade um canto realizado por eles no passado. A partir da análise desses exemplos, pretendo demonstrar que, apesar das diferenças que grandes sistemas semióticos podem apresentar, é possível a realização de alguma forma de tradução entre eles. Em relação à prática etnográfica, esse tipo de tradução só pode ser realizado pelo diálogo entre etnógrafo e seus interlocutores.

Palavras-chave: Semiótica; Antropologia; etnografia.

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DO YOUTUBE SOBRE ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM COM PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM NATURAL

Pesquisador(a): Ricardo Cabral Penteado

Orientação: Marcelo Barra Ferreira

Este relatório parcial de pesquisa foca-se na fase inicial de coleta e análise de aproximadamente quarenta mil (40.000) comentários no YouTube sobre ataques às escolas no Brasil, utilizando ferramentas de processamento de linguagem natural (PLN) para identificar tópicos discutidos pelos comentadores. O objetivo é investigar como os discursos e tópicos relacionados aos ataques às escolas são manifestados em comentários do YouTube, a fim de contribuir para a análise do extremismo violento e radicalização *on-line* no contexto brasileiro. Os ataques às escolas são intencionais, premeditados e utilizam armas, visando diretamente a comunidade escolar. Caracterizam-se pela escalada de ciclos de violência societal e a ruptura dos vínculos democráticos e da cultura de direitos humanos, exacerbados por discursos de intolerância e ódio propagados por grupos extremistas (Grampa, 2023). A metodologia utilizada nessa fase da pesquisa envolve a coleta de um conjunto de dados de comentários relacionados a ataques escolares através da *query* "como sobreviver a um ataque na escola". Após o carregamento e limpeza dos dados, os textos são processados para remover *stopwords* e normalizar o conteúdo. A análise inclui técnicas de PLN, como modelagem de tópicos e extração de palavras-chave, utilizando o algoritmo de aprendizado de máquina BERTopic, que combina *embeddings* de palavras e clusterização para descobrir tópicos em grandes coleções de textos. A análise revelou temas proeminentes como "*bullying*", indicando uma forte associação, no contexto dos comentários, entre esse tema e os ataques às escolas. Destacam-se também tópicos como "terrorismo", "Columbine" (crimes imitadores) e seus perpetradores Dylan Klebold e Eric Harris, "Realengo" (crimes imitadores) e a música "Pumped up Kicks", cuja letra aborda a perspectiva de um jovem prestes a cometer um ato de violência armada. Esses elementos mostram a influência e disseminação de ideologias extremistas nas discussões sobre ataques às escolas, facilitando a gamificação da violência e promovendo um ciclo de inspiração e emulação entre indivíduos vulneráveis. Outros tópicos incluem saúde mental, violência social e influência da mídia. Os resultados

parciais sublinham a necessidade de intervenções preventivas abrangentes que possam abordar tanto o *bullying* quanto outras causas associadas aos ataques às escolas, além de combater a influência e propagação de ideologias extremistas no contexto brasileiro.

Palavras-chave: ataques às escolas; extremismo violento *on-line*; radicalização *on-line*; processamento de linguagem natural; Brasil.

EFEITOS DA CONCORDÂNCIA NOMINAL E DA DURAÇÃO DE /-S/ NA PERCEPÇÃO DE VOZES MASCULINAS

Pesquisador(a): Rodolfo Borer Parpinelli

Orientação: Ronald Beline Mendes

Esta pesquisa de mestrado propõe um experimento de percepção sociolinguística com foco nas variáveis concordância nominal (CN) e duração de /-s/, visando a verificar, na linha de trabalhos anteriores (Mendes, 2018; Sene 2022; Pie 2023), se (i) essas variáveis têm efeitos independentes na percepção de feminilidade e "gayness" na fala masculina e (ii) se o efeito de CN nessas percepções é, na verdade, de natureza fonética (presença ou ausência de /-s/) e não de natureza gramatical. Mendes (2018) verificou que quatro vozes masculinas com CN padrão (CNp), como em "meus amigos," soaram menos masculinas e mais *gay*, relativamente aos disfarces com a variante não padrão (CNØ, como em "meus amigo"). Utilizando os mesmos estímulos de Mendes (2018), mas com um número maior de ouvintes, Pie (2023) verificou que tais percepções foram acionadas por CNØ, não por CNp. No entanto, Pie (2023) combinou (CN) com duração de /-s/ e F0, enquanto Sene (2022) constatou que um aumento na duração de /-s/ afeta a percepção de masculinidade, independentemente da variação no valor médio de F0. Assim, a relevância desta pesquisa está em buscar responder às perguntas (i) e (ii), sugeridas pelos trabalhos anteriores. Nesse sentido, este projeto propõe um design experimental que, além de replicar a técnica *matched-guise* (Lambert et al., 1960; Campbell-Kibler, 2009), tal como os autores anteriormente referidos, vai se valer de mais vozes masculinas (do que Mendes (2018) e Pie (2023)) e de maior variabilidade social dos ouvintes (sobretudo em termos de gênero, sexualidade e escolaridade) – diferentemente de Pie (2023), cujos ouvintes voluntários foram majoritariamente universitários, e de Mendes (2018), cujos ouvintes não se diferenciaram em termos de sexualidade.

Palavras-chave: gênero/sexualidade; concordância nominal; duração de /-s/; percepção sociolinguística.

IDENTIFICAÇÃO AUTOMÁTICA DE EXPRESSÕES EM FRANCÊS LIGADAS AO EIXO FRONTAL EM FOTOGRAFIAS

Pesquisador(a): Rodrigo Souza

Orientação: Marcos Fernando Lopes

Ao descrever relações espaciais entre objetos, utilizamos, com frequência, expressões que possibilitam localizar ou indicar a direção de um objeto em relação a outro. Em português brasileiro, algumas dessas expressões são: à frente de, atrás de, à esquerda de e à direita de. Essas expressões, na literatura sobre espacialidade, são chamadas de projetivas (Herskovits, 1986). Em francês, de acordo com Vandeloise (1991), são duas as principais expressões utilizadas para explicitar relações espaciais ligadas ao eixo frontal: *devant* e *en face de*. Em linhas gerais, a primeira pode ser utilizada quando dois objetos estão frente a frente, quando dois objetos estão em movimento, com o mesmo sentido e um está à frente do outro ou quando um dos objetos, um ser animado, direciona seu olhar para a frente do outro, embora ambos não estejam necessariamente frente a frente. A segunda, por sua vez, é mais restrita, sendo utilizada somente quando dois objetos estão frente a frente. Neste estudo, partimos de Vandeloise (1991) para implementar um modelo de regras para identificar a expressão em francês que melhor relaciona dois objetos em relação ao eixo frontal em fotografias. Para atingir nosso objetivo, inicialmente, selecionamos o SpatialVOC2k (Belz et al., 2018), *corpus* bilingue em francês-inglês com fotografias e anotações sobre expressões projetivas que relacionam os objetos em cena. Em seguida, selecionamos somente as imagens em que as expressões *devant* ou *en face de* relacionavam os objetos, o que nos deu um total de 758 fotografias. Após essa etapa, utilizamos o Llava (Liu et al., 2023) para identificar a orientação dos objetos nas fotos em relação ao eixo frontal. Essa identificação foi feita de duas formas: para fotografias com objetos animados, o modelo identificou a orientação da face dos objetos. Para fotografias com objetos inanimados, o modelo identificou apenas a orientação do eixo frontal. Casos em que os objetos estivessem com a face ou com o eixo frontal orientados um para o outro foram classificados como *en face de*. Os demais casos foram classificados como *devant*. Como método de avaliação, calculamos a precisão da classificação em relação à anotação do *corpus*. A precisão do modelo foi de 82%, o que indica que a orientação do eixo frontal e a posição do rosto são relevantes para

determinar o uso de *en face de* ao invés de *devant*. Apesar de modesto, o estudo realizado nos possibilita delimitar alguns dos próximos passos da pesquisa. Nas próximas etapas, aprimoraremos a identificação da posição do eixo frontal dos objetos nas fotografias por meio de métodos de *fine-tuning* no Llava. Dessa forma, esperamos obter, de modo mais preciso, informações que indiquem qual é a melhor expressão para a classificação da posição dos objetos, o que será importante para a arquitetura do modelo a ser apresentado na conclusão da pesquisa.

Palavras-chave: expressões projetivas; espacialidade; eixo frontal; reconhecimento de imagem; modelo de regras.

AQUISIÇÃO DE ARGUMENTOS EM INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA POR FALANTES DE PORTUGUÊS

Pesquisador(a): Rosiani Bueno de Oliveira Dias

Orientação: Elaine Bicudo Grolla

Diferente do inglês, que apenas permite que seus argumentos (sujeitos e objetos diretos e indiretos) sejam foneticamente expressos, o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) permitem que seus argumentos sejam tanto expressos quanto nulos. Porém, diferenças em como os sistemas pronominais do PE e do PB evoluíram fizeram com que cada variante tivesse suas especificidades no uso, no licenciamento e na interpretação desses argumentos. Começando pelo sujeito, enquanto o PE se caracteriza como uma língua tipicamente *pro-drop*, o PB não é mais assim considerado, por apresentar certas restrições no licenciamento de seu sujeito nulo, passando a favorecer o uso do sujeito expresso em certos contextos, como no inglês. Já em relação aos objetos, o PE continuou favorecendo o uso de suas formas expressas, e, como no inglês, utiliza clíticos acusativos tanto nos contextos em que seu antecedente seja animado quanto nos contextos em que seja inanimado. Já o PB, por outro lado, teve seu clítico acusativo diacronicamente perdendo espaço para os pronomes plenos nos contextos em que seu antecedente é animado ou objetos nulos nos contextos que seu antecedente é inanimado. Tendo em vista esse panorama, essa pesquisa tem como objetivo testar se os parâmetros já estabelecidos em relação ao uso de argumentos nulos e expressos da L1 influencia ou não a produção de argumentos nulos e expressos em L2. Nossa hipótese é que aprendizes de inglês como L2 que sejam falantes de PB ou PE como L1 replicarão os padrões de uso de sua L1 no inglês. Ao falar em inglês, os falantes de PB vão apresentar menos usos desviantes em relação aos sujeitos e mais usos desviantes em relação aos objetos; enquanto os falantes de PE vão apresentar o comportamento contrário: mais usos desviantes em relação aos sujeitos e menos em relação aos objetos. Para testarmos essas hipóteses, faremos um estudo experimental coletando dados de adultos, falantes nativos de PB e de PE como L1, que estejam aprendendo inglês como L2 e submeteremos os resultados à análise estatística.

Palavras-chave: aquisição de segunda língua; português brasileiro, português europeu; inglês; argumentos nulos e expressos.

SINTAXE COMPLEXA NA DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

Pesquisador(a): Stela Terribile Garbugio

Orientação: Felipe Venâncio Barbosa

A literatura acerca do Alzheimer é hegemônica ao apontar que um dos principais sintomas dessa demência é o progressivo acometimento da linguagem (Alegria, 2013). Nesta pesquisa, nosso foco recai sobre o acometimento sintático, mais especificamente sobre a produção de sentenças complexas por idosos portadores dessa demência. Autores como Noguchi (1997), Alegria (2013) e Pinto e Beilke (2008) apontam que o déficit sintático é um dos últimos campos linguísticos a ser afetado na demência, sendo conservado pela maior parte do curso demencial. Emery e Olga (2000) apontam para a produção de sintaxe atípica nessa doença, com emprego de sentenças sintaticamente mais simples, isto é, com alta incidência de sentenças descritivas ou no infinitivo, uso de recursividade estrutural sintática com conteúdo incorreto ou irrelevante, atribuições de papéis temáticos incorretos e baixo uso de sentenças situacionais e não situacionais. A partir de entrevistas e coleta de dados realizadas no Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (IPQ- USP) com 10 idosos portadores de DA e 10 idosos controle, miramos analisar a produção de sintaxe nessa população. Ademais, a fim de aprofundar a discussão, hipotetizamos também que a perda da sintaxe nessa demência decorre no padrão inverso de aquisição de linguagem, isto é, estruturas sintáticas mais precocemente adquiridas seriam mais tardiamente perdidas, respeitando uma determinada ordem de complexidade. Para tanto, levantou-se o material bibliográfico a respeito de estudos neurolinguísticos, além de estudos de imagem, visando corroborar nossa hipótese.

Palavras-chave: demência de Alzheimer; neurolinguística; sintaxe complexa.

SEMIÓTICA TENSIVA ENQUANTO METODOLOGIA DE ANÁLISE PROSÓDICA DA LIBRAS

Pesquisador(a): Suelismar Mariano Florêncio Barbosa

Orientação: Felipe Venâncio Barbosa

Trata-se de projeto de pesquisa que propõe o modelo semiótico de vertente tensiva para a análise das dimensões prosódicas do texto sinalizado em língua brasileira de sinais (Libras), tais como proeminência, ritmo e entoação. Especificamente, pretende-se analisar a prosódia na expressão, a prosodização do conteúdo e discutir os efeitos de sentido decorrentes das diferenças ou compatibilidades entre os planos da linguagem dos textos sinalizados selecionados como *corpus*. A pesquisa é de natureza exploratória, e os procedimentos bibliográficos de coleta de dados selecionam seis vídeos produzidos em Libras, de acordo com critérios de inclusão específicos, classificados em dois tipos: a) literários, a saber três poemas da autora surda Fernanda Machado, intitulados *A Árvore*, *V&V* e *Como Veio a Alimentação*; e b) utilitários, três entrevistas realizadas pelo *Inventário Nacional de Libras- Surdos de Referência*, disponíveis na plataforma *Corpus de Libras* da Universidade Federal de Santa Catarina, que são exemplos de conversação espontânea. Estes textos serão primeiramente submetidos a uma análise quantitativa utilizando o software *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN), cujos resultados permitirão uma discussão qualitativa para evidenciar a tensividade presente na geração discursiva e manifestação textual. Os resultados podem ser úteis na tradução, interpretação, análise da identidade cultural da comunidade surda e como recurso para o ensino-aprendizagem de produção textual, considerando as especificidades das línguas de sinais para surdos e ouvintes usuários de Libras.

Palavras-chave: Libras; prosódia; metodologia; Semiótica.

CONTATO, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LÍNGUAS AFRICANAS EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Pesquisador(a): Tâmara Kovacs Rocha

Orientação: Alexander Yao Cobbinah

Esta apresentação exibirá os resultados finais de uma pesquisa de mestrado que consistiu em uma análise qualitativa e bibliográfica de quatro coleções de materiais didáticos de língua portuguesa para verificar se têm chegado informações sobre o contato linguístico entre o português e línguas africanas aos estudantes do Ensino Fundamental no Brasil. Para tal, partiu-se do pressuposto de que as leis nº10.639/03 e nº11.645/08 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) asseguram a inclusão desse conteúdo, por meio da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e da variação linguística. A pesquisa investigou se o papel do contato na formação do português brasileiro e resultados concretos desse prolongado contato, como línguas secretas ou criptoletos (Vogt & Fry, 1996; Jon-And; Lopez, 2017; Queiroz, 2018; Byrd, 2012), línguas cultuais (Castro, 2005; Queiroz, 2015b), cânticos de trabalho (Freitas; Queiroz, 2015; Luz, 2016; López, 2019) e variedades quilombolas do português brasileiro (Careno, 1997; Petter; Zanoni, 2005; Souza, 2000; Lucchesi, Baxter; Ribeiro, 2009) foram mencionados ou discutidos em exercícios nos livros didáticos selecionados. Os critérios de análise incluíram perguntas condutoras para verificar: i) se o conteúdo sobre o contato linguístico estava presente nas coleções, ii) a quais níveis linguísticos (lexical, fonológico, morfossintático, pragmático) os resultados do contato estavam associados, iii) como o processo de contato e a formação desses resultados foram explicados. Também se analisou o modo a norma-padrão estruturou as atividades (Bagno, 2007, 2012; Faraco, 2008) e como foi construída a representação de agentes sociais e tradições culturais (Fanon, 2020; Nascimento, 1978). Foram analisadas as três coleções didáticas mais escolhidas pelos professores no edital do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2020 para os Anos Finais do Ensino Fundamental: *Tecendo Linguagens*, da Editora Ibec (Oliveira; Araújo, 2018), *Se liga na língua*, da Editora Moderna (Ormundo; Siniscalchi, 2018), e *Apoema*, da Editora do Brasil (Teixeira et al., 2018). Adicionalmente, foi analisada a coleção *Narrativas quilombolas: dialogar, conhecer, comunicar* (Santos; Norte, 2017; Campos, 2017), publicada pela Secretaria de Educação

do estado de São Paulo e distribuída em escolas quilombolas. Os resultados mostraram uma sub-representação significativa da história do contato e de seus resultados verificáveis no português brasileiro nas coleções do PNLD 2020, além do apagamento da existência de línguas cultuais, secretas, cânticos de trabalho e variedades quilombolas, e em alguns casos, representações problemáticas de grupos sociais e tradições culturais e religiosas. Em contraste, a apostila *Narrativas Quilombolas* apresentou resultados positivos. A pesquisa sugere que a ênfase na norma-padrão na maioria das coleções do PNLD e um grafocentrismo que privilegia textos escritos podem ter contribuído para essas constatações. Concluimos, também, com a consideração de um processo de epistemicídio (Carneiro, 2005) ao qual essa ausência dá continuidade.

Palavras-chave: contato linguístico; formação do português brasileiro; variedades quilombolas de português; línguas africanas; ensino de português.

O PENSAMENTO EVOLUTIVO EM ESTUDOS SOBRE A(S) LÍNGUA(S): ANÁLISE DA ESTRUTURA CONCEITUAL DA ÁREA E SUA RELAÇÃO COM A ESTRUTURA INTELECTUAL E SOCIAL

Pesquisador(a): Thiago Macek Gonçalves Zahn

Orientação: Paulo Chagas de Souza

A tese de doutorado em que este trabalho se insere investiga os usos do pensamento evolutivo no estudo da(s) língua(s). A primeira parte da tese realizou um mapeamento da área, utilizando análises qualitativas e quantitativas. A segunda parte foi dedicada a investigações epistemológicas, sugerindo adotar uma teoria evolutiva generalizada (Baraghith; Feldbacher-Escamilla, 2021; Schurz, 2023) como forma de aproximar abordagens e analisando o status epistemológico do pensamento evolutivo e das explicações evolutivas quando aplicados ao estudo da(s) língua(s). A redação final da tese encontra-se em andamento. O presente trabalho apresenta o capítulo em que se desenvolve uma análise da estrutura conceitual da área investigada como parte de sua caracterização. A estrutura conceitual pode ser definida como a “paisagem de conceitos” de uma área, identificada por meio de palavras-chave ou termos nos títulos, resumos ou texto completo de um conjunto de documentos (Zupic; Čater, 2015; Aria; Cuccurullo, 2017; Sharma et al, 2021; Costa et al, 2023), e pode ser contrastada com as estruturas social e intelectual, definidas, respectivamente, pelas redes de colaborações entre autores e citações entre documentos (Zupic; Čater, 2015; Costa et al, 2023). A análise realizada é a primeira investigação da estrutura conceitual dos “estudos evolutivos sobre língua(s)” baseada em um amplo espectro de publicações – estudos anteriores focaram-se apenas em trabalhos apresentados nas conferências internacionais sobre evolução da língua (Evolang – Bergmann; Dale, 2016; Wacewicz et al, 2022). Utilizou-se um banco de dados com 1954 documentos incluindo resumos com 100 palavras ou mais, publicados entre 1991 e 2022. Aplicando o método de modelagem de tópicos NMF (*Non-negative Matrix Factorisation*), reconheceram-se 16 tópicos, a maioria com grande coerência temática. Comparando a produção de diferentes períodos, identificaram-se alguns tópicos em declínio (“iconicidade, símbolos, música, bebês”; “aprendizagem de regras sequenciais” e “modelos evolutivos populacionais”) enquanto outros mostraram crescimento considerável na literatura mais recente (“comunicação em primatas”; “evolução biológica

e cultural, cenários evolutivos”; “modelagem de sistemas complexos”). Análises relacionando as estruturas conceitual, social e intelectual revelaram forte interconexão entre elas para a área investigada. Colaborações ocorrem primariamente entre autores associados a um mesmo tópico, e quase sempre há também prevalência de citações internamente a cada tópico. Em muitos casos houve também correspondências próximas entre tópicos e agrupamentos baseados nas citações. O conjunto de resultados sugere que comunidades de colaboração, frentes de pesquisa e/ou “grupos focais” na área investigada são construídos, em grande parte, em torno de conjuntos específicos de conceitos – embora intercâmbios obviamente existam. Foram também identificados alguns padrões preferenciais nesses intercâmbios. Certos tópicos mostram maior taxa geral de colaborações com outros assuntos (p. ex. “comunicação em primatas;” “evolução biológica e cultural”), e alguns conjuntos de tópicos colaboram mais frequentemente entre si (p. ex. “biolinguística gerativa” e “aprendizagem de regras sequenciais”). Quanto à estrutura intelectual, “evolução biológica e cultural” mostra-se como atrator de significativa proporção das citações de quase todos os tópicos; e alguns tópicos particularmente autocentrados (“aprendizagem iterativa/simulações;” “comunicação em primatas;” “estudos neurológicos”) recebem proporção significativa das citações de certas subáreas.

Palavras-chave: linguística evolutiva; teoria evolutiva; bibliometria; metaciência.

O ONSET VOCÁLICO COMO PISTA ACÚSTICA PARA A PERCEPÇÃO DA FALA SINCRONICADA: UM ESTUDO PILOTO COM DADOS NATURAIS

Pesquisador(a): Verônica Penteado Siqueira

Orientação: Beatriz Raposo de Medeiros

Este trabalho irá apresentar os resultados de um experimento piloto de percepção da fala sincronizada. Este estudo faz parte de um projeto de doutorado cujo objetivo geral é investigar aspectos multimodais que agem como pistas comunicativas para a manutenção da sincronia entre duas pessoas falando juntas. Este estudo de percepção, mais especificamente, tem como objetivo a investigação entre a duração das assincronias produzidas em uma tarefa de fala sincronizada e a percepção do enunciado como mais ou menos sincronizado. Por fala sincronizada, referimo-nos à produção de um mesmo enunciado ao mesmo tempo, por duas ou mais pessoas, em contextos espontâneos como protestos e orações, ou no contexto controlado do laboratório. Estudos sobre fala sincronizada têm demonstrado que as pessoas são capazes que sincronizar suas vozes sem treinamento prévio, conhecimento do texto lido ou do co-falante. Tal sincronização ocorre tanto em textos poéticos, que possuem uma estrutura rítmica mais regular, quanto em textos em prosa. É possível explicar a fala sincronizada como um processo de acomodação, em que os falantes mudam, de forma dinâmica, os parâmetros acústicos da fala para torná-la menos variável e mais regular. Este é um fenômeno temporal e geralmente descrito com base nas diferenças entre segmentos correspondentes produzidos pelos dois falantes em uma díade. Entretanto, não sabemos como essas assincronias são percebidas, uma lacuna para a compreensão de um fenômeno em que percepção e produção precisam estar integradas em uma ação em que se fala e ouve ao mesmo tempo. Os estímulos usados neste estudo, advindos de uma tarefa de fala sincronizada, medem a assincronia entre os falantes a partir da diferença entre *onsets* vocálicos, medida que chamamos de *delta onset*. Dado isso, a principal questão deste estudo é a seguinte: a duração da assincronia, medida a partir da diferença entre *onsets* vocálicos, pode prever a percepção da fala sincronizada? Uma segunda questão investiga que medidas melhor explicam a percepção da fala sincronizada, de tendência central ou de dispersão. A principal hipótese é de que, quanto maior a duração da assincronia, mais alto será o escore, segundo a escala. O experimento consiste numa

tarefa de classificação, em que os ouvintes avaliam enunciados, em que duas pessoas falam em conjunto, em uma escala que vai de “pouco sincronizado” (0 na escala) a “muito sincronizado” (100 na escala). Foram utilizados 155 enunciados. Como variável dependente, temos os escores, um número de 0 a 100. Como variáveis independentes, temos diversas medidas-resumo para *delta onset* – média, mediana, desvio padrão, rPVI, amplitude (diferença entre o menor e maior valor) e intervalo interquartil –, além da taxa de mudança do *delta onset* (que mede com que frequência os falantes alternam entre quem está a frente) e o gênero do par (mesmo gênero ou misto). Foram coletados dados de sete participantes, considerados um fator aleatório para a análise. Apresentaremos os resultados de um modelo de regressão e discutiremos se o *onset* vocálico é um parâmetro acústico relevante para a percepção da fala sincronizada e que medidas melhor descrevem a sincronicidade do par.

Palavras-chave: fonética; fala sincronizada; acomodação; percepção; *onset* vocálico.